

The logo of UFBA (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) features the letters 'UFBA' in a stylized, white, serif font. The letter 'B' is uniquely designed with a white silhouette of a human profile facing right, integrated into its right vertical stroke. The background of the entire cover is a colorful illustration of a rural scene with a sun, a house, people, and various plants.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

KAROLINA BATISTA DE SOUZA

The title and subtitle are centered within a white double-line rectangular frame. The title 'MEMÓRIAS AFLORADAS' is in a large, bold, white, sans-serif font. Below it, the subtitle 'NARRATIVAS DE MULHERES DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO SERTÃO, NA BAHIA' is in a smaller, white, sans-serif font. The background illustration shows a man in a red cap and green shirt working with bricks, a woman in a purple shirt carrying a basket, a woman in a red shirt using a mortar and pestle, and a woman in a yellow shirt. A brown goat is in the foreground, and there are various flowers and plants scattered around.

AMARGOSA (BA)
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

KAROLINA BATISTA DE SOUZA

Memórias Afloradas:
narrativas de mulheres da Escola
Família Agrícola do Sertão, na Bahia

Produto final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como requisito para obtenção do título de mestre em Educação do Campo.

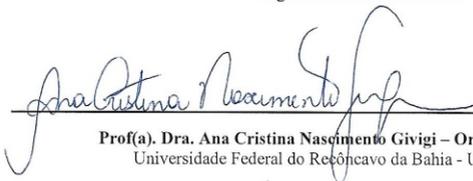
Linha de pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação.

Orientadora: Prof(a). Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi.

KAROLINA BATISTA DE SOUZA

MEMÓRIAS AFLORADAS: NARRATIVAS DE MULHERES DA ESCOLA
FAMÍLIA AGRÍCOLA DO SERTÃO, NA BAHIA.

Produto final apresentado ao Curso de Mestrado
Profissional em Educação do Campo do Centro de
Formação de Professores (CFP) da Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), perante a
seguinte banca examinadora:



Prof(a). Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi – Orientadora
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB



Prof(a). Dra. Priscila Gomes Dornelles – Examinadora interna
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB



Prof(a). Dra. Livia Tavares Mendes Froes – Examinadora externa
Instituto Federal Baiano (IF Baiano) – Campus Senhor do Bonfim

**Memórias Afloradas:
narrativas de mulheres da Escola
Família Agrícola do Sertão, na Bahia**

KAROLINA BATISTA DE SOUZA

Memórias Afloradas: narrativas de mulheres da Escola Família Agrícola do Sertão, na Bahia

Produto final do Mestrado Profissional em Educação do Campo, através do Programa Pós-graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) por Karolina Batista de Souza, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi.

Capa: *Ilustração de Elisandra Simões Ribeiro*

Revisão gramatical: *Marcello Matias*

Fotografias: *Ivanessa de Souza Brito, Ivone Oliveira da Costa Souza, Joaquim Alves Neto de Oliveira, Josefa Andrade de Brito, Maria da Glória Cardoso do Nascimento, Maristela Santos de Santana Ferreira, Neuza de Jesus Santos Nascimento, Samuel de Andrade Reis e Veronilde Oliveira da Costa.*

Projeto gráfico: *Gato Preto Comunicação Popular*

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DE AMARGOSA - CFP/UFRB
Bibliotecário: **André Montenegro – CRB-5ª / 1515**

S729m Souza, Karolina Batista de.
Memórias afloradas: narrativas de mulheres da Escola Família Agrícola do Sertão, na Bahia. / Karolina Batista de Souza. – Amargosa, BA, 2019.
87f.; il. color; 30 cm.

Orientadora: Profª. Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação do Campo) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. – UFRB – Amargosa, BA. 2019.

Bibliografia: fls. 86-87.

1. Educação do Campo. 2. Educação. 3. Brasil - Sertão. I. Givigi, Ana Cristina Nascimento. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

CDD – 379

*Dedico a todas as Flores
que fazem o caminho da Escola Família Agrícola do Sertão:
meninas, moças, mulheres e anciãs.*

GARGANTA

*A garganta é a gruta que guarda o som
A garganta está entre a mente
E o coração
Vem coisa de cima, vem coisa de baixo
E de repente um oh!
E o que eu quero dizer
Às vezes acontece um negócio esquisito
Quando eu quero falar, eu grito
Quando eu quero gritar, eu falo
O resultado? Calo
Camadas e camadas de medo e amor recolhido
Fendas, rachaduras, [?], esfenoides
Dando adeus
Dando
A Deus
Por que será que às vezes eu ainda fico assim só?
Sem voz
Sendo que tudo o que eu quero é estar com voz?
Porque voz é quem me dá o sustento e a alegria de cantar
Por isso eu pedi que vós comigo sempre estivesse
E um pensamento veio em resposta
Duvidar que dentro de mim há voz
Não é o mesmo que duvidar
De vós?*

ROBERTA ESTRELA D'ALVA

SUMÁRIO

PREFÁCIO *pág. 07*

Eclange de Jesus Andrade

APRESENTAÇÃO *pág. 09*

Camila de Moraes Pereira Brito

PRIMAVERA SILENCIOSA

Poesia de Ivanessa de Souza Brito

CAPÍTULO I *pág. 13*

QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM SONHO

SER-TÃO MULHER: SERTANEJANDO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

ALMA CAMPONESA

Cordel de Keu Silva

CAPÍTULO II *pág. 26*

CONHECENDO AS NARRADORAS

O PODER FEMININO

Poesia de Vanessa Pedreira dos Santos

CAPÍTULO III *pág. 38*

AFLORANDO LUTAS

Josefa Andrade de Brito, Maria da Glória Cardoso do Nascimento,
Maristela Santos de Santana Ferreira, Neuza de Jesus Santos Nascimento
e Veronilde Oliveira da Costa.

SOBRE A LUTA DA JUVENTUDE FEMININA

Poesia de Robéria Santos de Ataídes

PÓS-FÁCIO *pág. 66*

AS JARDINEIRAS *pág. 82*

AGRADECIMENTOS *pág. 84*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS *pág. 86*

PREFÁCIO



A luta pela igualdade, pela empatia, pelos direitos sociais e políticos, o direito pela vida e por uma sociedade livre, sempre fez parte da pauta das mulheres em suas marchas. Em muitos momentos da história tais lutas e marchas foram incompreendidas, foram camufladas, simplesmente ignoradas ou não contadas.

Pois é. Aqui no Sertão, pouco se ouve falar, por exemplo, na presença, na luta e na força das mulheres na história do Cangaço, na história dos Quilombos; na Revolução de Canudos. Mas, elas estavam lá.

Em Monte Santo/BA, a história da Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE), já foi escrita por muitas pessoas, mas nunca contada somente por ELAS. E a Karol está nos dando esta oportunidade! Com seu despertar, dentro da militância e da pesquisa na agroecologia, na educação e no campo, ela traz o debate de gênero e os feminismos para a pauta.

Dentro deste, que é o seu lugar de referência, Karol tece as narrativas de Glória, Josefa, Maristela, Neuza e Nildes sobre a história da EFASE, através de um olhar das mulheres, dentro de um processo de reconhecimento e ocupação do espaço que nos faz ter uma noção para além da própria história. Significando a reformulação de conceitos e a apreensão de uma nova dinâmica, reconhecendo a efetividade de direitos para os sujeitos envolvidos pela escola.

Sabemos que a cada dia, este debate e estas metodologias são mais que necessárias. O cenário político atual do país nos força a ser resistência, a falar e a criar novas existências, a mostrar a capacidade e a força das mulheres dentro do processo histórico. Vemos a luta das mulheres no Brasil como condição *sine qua non* para confrontar e barrar alguns projetos. O governo Bolsonaro vem tomando medidas devastadoras contra as mulheres, os negros, os mais pobres e povos tradicionais do campo (etc.) – estes que por ignorância política, pelo discurso de ódio e de 'combate' a corrupção (com o apoio da mídia e das redes sociais), pela falsa ideia dos princípios moralistas (família, ética, etc.), dentre outros motivos – o ajudaram a eleger. Infelizmente.

Mas as mulheres (em sua maioria) não estão caladas (como nunca estiveram), diante desta realidade. Elas estão nas ruas, dizendo “não”. Elas estão contra a Reforma da Previdência, contra a posse de armas, contra o Judiciário parcial, contra o retrocesso da História, contra a militarização das

escolas, na defesa das maiorias silenciadas e marginalizadas, camponesas, na luta pela demarcação dos territórios indígenas e quilombolas, na busca pela liberdade, vida digna e empoderamento.

A EFASE é um lugar político. A EFASE não é uma instância isolada. Sempre marcada pela luta, sustenta um vínculo existencial com a comunidade camponesa e reforça consciência dos/as jovens camponeses/as para a continuidade desta luta – a fim de enfrentar estes discursos, de violência e injustiça.

Eu sou fruto desta história. Jovem, mulher, ativista, filha de assentados/as da reforma agrária (ambos fundadores/as da EFASE), ex-estudante da EFASE (2005 - 2012), que teve a oportunidade de fazer a graduação de Bacharelado em Direito através da UNEB/ PRONERA (Universidade Estadual da Bahia/ Programa Nacional de Educação na Reforma Agraria, 2013 - 2017), (hoje, advogada) – uma conquista coletiva!

Na graduação também escrevi a história da EFASE, só que dentro da perspectiva do Direito Achado na Rua. Apontei para uma visão de Direito nascido da organização social, considerando as lutas e contradições dos camponeses/as para conquistar uma educação de qualidade, para permanecer na terra ou a ela ter acesso. Isto impõe um deslocamento do ponto de vista dos Juristas que estão habituados à norma fria e abstrata, quando na verdade, se trata de uma sociedade concreta, dinâmica e plural. Concluí o trabalho, afirmando que a EFASE é a superação do abstrato, a concretude das lutas que criam e efetivam direitos, construída nas ruas, lugar por excelência onde emergem as lutas sociais e o Direito.

Escrevi, e enquanto pesquisadora, não tive a ideia de entrevistar apenas mulheres, esta característica da pesquisa de Karol me chamou bastante atenção e hoje posso contrapor, ver as diferenças do contar e o empoderamento na fala e nas memórias das mulheres.

Deste modo, “Mémorias afloradas: narrativas de mulheres da Escola Família Agrícola do Sertão, na Bahia”, demonstra o universo desta história, legitimando um lugar de fala que é assumido com muita responsabilidade por estas mulheres, com um olhar fluido, comprometido e real.

Só me resta agradecer, a honra de prefaciá-lo este livro, de ser e fazer parte desta história.

APRESENTAÇÃO



Aqui, trataremos de duas histórias. Duas histórias, que se somam a partir do momento que decidem não seguir o fluxo imposto pelo contexto e erguem uma bandeira, onde nesta está escrito: Lutar e resistir.

A primeira surge a partir da pauta do acesso a educação. Um direito, previsto na Constituição como um direito fundamental, por se um requisito essencial para o desenvolvimento, não só do indivíduo, como do país e principalmente, da espécie humana. Assim, pela sua essencialidade, que a educação se torna seletiva e apontada como instrumento de manutenção de um sistema econômico, idealizado para atender principalmente, a um determinado público socialmente privilegiado.

É a esse fluxo que camponesas e camponesas do interior da Bahia, no município de Monte Santo vão de encontro, com punhos erguidos, enxada na mão, cantoria e muita fé, dar asas a esperança adormecida de não ter como única alternativa de vida, as mãos calejadas, mas junto a esta, um caderno, caneta, terno, jaleco... rumo a desconstrução da ideia de retrocesso impregnado ao espaço social, campo, e as sujeitas e sujeitos que dele sobrevivem.

Quem foram essas pessoas? A resposta se refere à segunda história, tema central do trabalho aqui apresentado. Com muito esmero, o esforço nele empreendido, identificou e evidenciou quem foram algumas das protagonistas sertanejas deste enredo, que dentro da história contada, ao longo de 21 anos de Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE), conciliaram a pesada labuta de manutenção do lar, vidas conjugais e maternidade, para reivindicar um espaço de luta, que também são delas!

Propôs-se então, que elas contassem a história, apresentando outros elementos, a partir de seus contextos e visões de mundo, suas dificuldades e anseios, sem pesar ou comparar fatos, mas destrinchando uma história que não tenha como único ponto de partida um discurso hegemônico, impregnado pelo sexismo e/ou androcentrismo.

Esse processo de resgate se faz necessário, pois, a história sem a memória, é uma história incompleta; uma narração de poucos (as), comprometendo a representatividade dos sujeitos (as), em relação ao passado. Logo, esse é um processo de afirmação política de seus lugares na história, e conseqüentemente, de fala, na materialização de uma luta e resistência concretizada hoje, na EFASE.

A autora Karolina Souza propõe então, uma discussão dividida em três capítulos, iniciando pela contextualização do espaço-tempo do lugar de pesquisa: elementos do contexto histórico e dinâmica da região, localização da escola, finalizando com breve relato sobre a metodologia acatada para a apreensão das narrativas.

Posteriormente a pesquisadora traz um breve relato do cenário em que foram realizados os encontros para as entrevistas, seguindo com apresentação de seus espaços de vida, de onde são, o que fazem, e demais referências. Por fim, fragmentos das entrevistas são evidenciados e nestes, a autora convida-nos a mergulhar nos depoimentos, cabendo a cada um de nós, fazermos nosso próprio exercício interpretativo, sobre esses “contares”. A ideia é interferir o menos possível nos discursos das entrevistadas, entregando-os o mais integralmente possível ao leitor (a). No posfácio encontramos o momento escolhido para tecer considerações aportadas na literatura sobre os temas trazidos nas narrativas.

O contar desse livro é resultado de muito companheirismo e esforço coletivo, contando, para além de mim, de sua orientadora, e das narradoras, com a contribuição de mais seis companheiras, a saber: Elisandra, Edlange, Ivanessa, Patrícia, Thaís e Vanessa, cada uma dando seu toque de cuidado a esta obra, abrillantando-a ainda mais. A maior parte delas, como eu, são parte da história da EFASE. Aqui não poderia deixar de reconhecer o quão marcante foram seus aportes.

Termino aqui, minha apresentação e considerações a este lindo trabalho desenvolvido pela tão querida Karolina, e faço aqui meus mais sinceros agradecimentos pelo convite, para falar de uma temática a qual tenho profundo apreço. À autora, minha amiga e inspiração, avante a luta pela equidade de direitos entre homens e mulheres.

A todos (as), uma ótima leitura.

CAMILA DE MORAES PEREIRA BRITO

PRIMAVERA SILENCIOSA

IVANESSA DE SOUZA BRITO

*Difícil sonhar quando o travesseiro
é de pedra
O pesadelo ronda a cabeça da cidade
Passeia pelas mãos do campo à tarde
Redemoinho de tormenta dissipa
O riso de muitas bocas
O sono de quem há tempos não cerra
as pálpebras.*

*Punhado de sementes lançadas
Não germinam
O inimigo vilipendia com furor.
Suor, trabalho e dor
Gotas de mercúrio de ferida
Não cicatriza.
O rezador benze o caminho
A cartomante embaralha o jogo
O nó não desata.*

*No romper vermelho fogo da aurora
Ao pé do Umbuzeiro, sem animosidade
Prestes a fechar a porta da utopia
Ouve-se o cântico de pássaros
De suas bocas despejam beijos-flores
Ciranda Compassada à vida alegria
Afangam a alma e aqueles corações.*

*A primavera silenciosa
Desabrochando pela janela da mata
Traz a esperança
Com seu vestido vermelho
Tingido de colibris
Magestosa âncora.*

O sonho coletivo não vai acabar.





Foto: Ivanessa de Souza Brito, 2016.

CAPÍTULO I

QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM SONHO

É um pedaço do sertão nordestino. Aqui a mata é branca [1] e quando chove o povo se alegra muito [2]. Aqui o povo luta: pela terra, dignidade e direitos. Esse livro é sobre uma dessas lutas: a luta de um povo que criou uma escola para a juventude do campo em Monte Santo, sertão da Bahia. Foi muita gente que deu literalmente o suor e o sangue para essa escola acontecer. Conseguiram. É uma história linda, somadas todas as dificuldades. Essa é a Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE). Suas primeiras sementes foram plantadas nos anos noventa. Pois foi que germinou em 1998.

Hoje a escola construída com a fé e a valentia das camponesas e camponeses está com 21 anos. Para muita gente a realidade da juventude daqui seria outra, o campo também... seria outro, não fosse essa luta. Sonhando um sertão e um mundo melhor a resistência continua: esse trabalho se faz no dia a dia, pouquinho a pouquinho.

No passado, nesse território em que se encontra Monte Santo, a seca castigava muito. Mas isso era pior porque era um lugar abandonado pelo poder público. A desigualdade social aplacava mais que o sol. A miséria era parte do viver desse povo: fome, mortalidade infantil, baixa expectativa de vida, renda insuficiente, analfabetismo (1).

Nesse lugar, princípios de convivência e resistência, se encontram nas comunidades tradicionais camponesas: de assentamentos e acampamentos de reforma agrária, nas comunidades quilombolas e, predominantemente, as comunidades de fundo de pasto. Os fundos de pasto são uma forma de ocupação do território, que inclui um movimento sociopolítico comunitário na territorialidade da tradição sertaneja. A integração entre a gente que ali vive e o pedaço de natureza que tocam é parte fundamental para uma relação de equilíbrio entre o meio-ambiente e essas comunidades, que nele desenvolvem o seu modelo de reprodução da vida. Assim, entendo a terra, água e demais recursos naturais, como sendo bens comuns, através do uso comunitário, por exemplo, das áreas de pastejo, fontes de água, plantas frutíferas e demais

[1] Referência ao significado da palavra indígena Caatinga, bioma predominante do Território de Identidade do Sisal (BA), em que o município de Monte Santo está inserido.

[2] Referência ao clima semiárido, caracterizado pela baixa pluviosidade e longos períodos de estiagem.

riquezas, são elementos que guiam as relações de transformação da natureza, dando a estas comunidades as necessárias condições de sobrevivência.

Entretanto, o conflito agrário pela ocupação desses territórios é histórico, por serem terras devolutas em sua maioria, ocasionando em um violento embate com fazendeiros e Estado, devido à exploração latifundiária e a legitimação estatal da grilagem, que ameaçavam/ameaçam essas comunidades. A fé católica é outra coisa muito forte nesse lugar, desde a sua formação. A influência dessa fé se estendeu para além dos ritos e manifestações religiosas: afetou diretamente os acontecimentos relacionados à luta no território. Nos idos da década de 1980 o trabalho da Igreja, ligada à Teologia da Libertação [3], através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) [4] e Comissão Pastoral da Terra (CPT) [5], foi fundamental na mobilização e organização política camponesa (2).

Em 2016, pisei pela primeira vez na escola. No caminho de Serrinha (BA) para Monte Santo ia vendo a paisagem se tornar mais agreste, sentindo aquele estranhamento comum de se conhecer novos ambientes. Ao sairmos da sede do município em sentido à escola, eu e meus companheiros de viagem ficamos logo perdidos naquelas estradas de chão batido que serpeavam a caatinga, para mim um labirinto. A certa altura passamos por meninos que brincavam de bola ali mesmo na estrada que chegava a uma das muitas comunidades rurais de Monte

[3]A Teologia da libertação surgiu na América latina da década de 1960, ganhando força na década de 1980. Pretende objetivos de transformação socioestrutural, tomando como causa central o pobre, ou excluído. Partindo de questões culturais, através da religião questiona outras esferas da vida social, como a política e economia (3).

[4] Podemos entender as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) como pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda, segundo outros. De natureza religiosa e caráter pastoral, as CEBs são comunidades, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comun-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São eclesiais, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de base, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas-de-casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana; na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares (4).

[5] A Comissão Pastoral da Terra (CPT) é uma instituição civil, sem fins lucrativos, criada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em outubro de 1975 para atuar nas questões agrárias. Um organismo de apoio e serviço que “se coloca do lado dos mais pobres para ajudá-los a encontrar caminhos de organização autônoma”(5).

Santo. Ao pedirmos informação da localização da escola, um deles respondeu prontamente: “Droba a cruva, e tora direto!”. Sorrindo fomos no sentido que ele indicou, e nesse momento já me descobri preenchida pela beleza do lugar, e encantada por aquele povo.

Perguntava-me como aquela escola tão diferente havia nascido. Nunca havia conhecido uma Escola Família Agrícola. Bem pouco sabia como a pedagogia da alternância [6] realmente funcionava. Apenas sentia que estava me aproximando cada vez mais de algo que ansiava: a Educação do Campo [7].

Conheci a história das EFA's. Soube que o embrião delas havia nascido na França, na década de 1930. As chamadas “Maisons Familiaes Rurales” se desenvolveram no país através das organizações sindicais de agricultores. Influenciada por essa experiência surgiu na Itália a “Scuola della Famiglia Rurale”, que diferente da primeira, possuía relação com os poderes públicos locais e a Igreja. E foi a experiência italiana que possibilitou que chegasse ao Brasil em 1960, no estado do Espírito Santo, a Escola Família Agrícola (6). No fim da década de 1970, quando as escolas do Espírito Santo já estavam consolidadas começou a expansão das EFAS para outros estados.

Quando fiz minha primeira visita não imaginava que viria residir em Monte Santo e contribuir profissionalmente com a EFASE. Foi o que aconteceu no ano de 2017, quando cursava uma especialização [8] e decidi pesquisar junto a um grupo de jovens de lá, como estes percebiam as diferenças entre homens e mulheres no cotidiano escolar e em suas comunidades.

Muitas pessoas, incluindo estudantes, me perguntavam como eu havia chegado até aquele lugar. Percebiam-me diferente, achavam até que eu fosse estrangeira. Entre risos contava a elas que não, que era mineira, e relatava um pouco da minha trajetória; das experiências ao longo da minha vida que me

[6] Essa proposta: [...] visa o fortalecimento da relação escola-comunidade dentro de uma perspectiva integrativa de educação, onde as freqüentes dicotomias *teoria e prática, conhecimento elaborado e conhecimento popular, mundo da vida e mundo da escola, estudo e trabalho* se dissolvem em uma única proposta que pressupõe garantir uma melhor formação do jovem rural em sua comunidade (grifo da autora) (2).

[7] Fenômeno da atualidade brasileira, protagonizada pelos (as) trabalhadores (as) do campo e suas organizações, incidindo sobre a política de educação desde os interesses das comunidades camponesas, remetendo a questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais ao embate de projetos de campo e lógicas de agricultura que implicam no projeto de país, sociedade, nas concepções de políticas públicas, de educação e formação humana (7).

[8] Pós-Graduação Lato Sensu em Inovação Social com ênfase em Economia Solidária e Agroecologia, Instituto Federal Baiano (IF BAIANO) – Campus Serrinha.

ensinaram a amar a natureza e o campo, me levando a ser técnica em meio ambiente e depois Agroecóloga [9].

Através da pesquisa junto à juventude, a comunidade escolar foi conhecendo minha militância feminista, a luta que travo diariamente em favor de uma sociedade que não subjugu e violence as mulheres. Minha imbricação em falar e estudar sobre a pluralidade das relações socialmente construídas baseadas nas diferenças entre os sexos, as relações de gênero, com o intuito de ajudar a transformá-las.

É importante contar meu posicionamento, pois ele se relaciona com o objetivo do estudo que gerou este livro. Em minhas vivências com a EFASE pude perceber quantas pessoas anseiam beber na fonte dessa experiência de Educação do Campo tão potente. E a pesquisar, assim como eu também fiz. Tive acesso a diversos trabalhos sobre aquele lugar, que buscavam entender e colaborar com diferentes dimensões sobre o fazer da escola.

Acredito que as histórias deste lugar tão importante devem ser contadas, e sei de algumas pessoas que o fizeram com muita presteza. O que propomos nesse livro é também isso, multiplicar as vozes que contam essa história. Aqui as narradoras são exclusivamente mulheres: camponesas, professoras, mulheres articuladoras que também colocaram a mão na massa para essa escola existir e resistir.

Na sociedade em geral as narrativas que prevalecem naturalizam a invisibilidade das mulheres, pois o exercício do poder define como, quem, quando e quantas histórias são contadas. Contar também essas narrativas em torno de suas memórias é um movimento que intenta demarcar e reconhecer sua humanidade compartilhada, diluir e alterar o poder de histórias definitivas para as múltiplas histórias: visibilizar (8).

Quando refletia sobre a pesquisa que desenvolveria para o Mestrado em Educação do Campo vieram as interrogações: e se essas mulheres quisessem narrar suas memórias sobre a escola que também fundaram? E se elas quisessem falar sobre as suas percepções de gênero sobre a escola, e sobre os espaços em que constroem suas vidas? Acreditava eu que aflorar essas narrativas poderia afirmar a importância dos saberes e fazeres tradicionais

[9] Técnico em Meio Ambiente, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) – Campus Belo Horizonte, formação no ano de 2009. Bacharelado em Agroecologia, Instituto Federal de Educação do Sudeste de Minas Gerais (IFSEMG) – Campus Rio Pomba, formação no ano de 2014.

delas na luta pela terra e educação do campo, dando elementos de reflexão sobre como transformar as relações de gênero nesse lugar.

Neste livro são todas elas mulheres. A escolha é por perceber e problematizar como cada uma delas, imersas nas políticas cotidianas de gênero, transformam aquilo que é naturalizado em “tornar-se mulher”. Sim, ser mulher não é uma segunda pele, um caminho sem volta, uma inevitabilidade que faz corresponder corpo, anatomia, sexualidade e gênero. Todas aprendem a ser mulher, desviando daqui e dali das imposições sobre o corpo, construindo juntas estratégias que (re) organizam o cotidiano para alcançar um pouco de frescor, um pouco de liberdade, um pouco de autonomia.

O gênero é a organização de políticas diárias de tornar-se homem ou mulher, é, às vezes, uma lei sobre o corpo, às vezes um lugar estratégico de defesa de uma pauta, um lugar de luta da mulher da roça, e muitas das vezes todas essas coisas juntas e complexamente amarradas. Isto faz deste espaço de gênero um campo de batalhas para uma vida afirmativa para homens e mulheres que buscam escolher como e quem desejam ser, destruindo preconceitos, padrões e modelos. Deste modo, o gênero é um funcionamento de pedagogias corporais, de modos e sentidos diversos em disputa em cada sociedade. Na roça, o gênero mobilizou mulheres à disputa por política pública, lugar nas escolas, no sindicato, na família, na organização da agricultura familiar. Muito ainda está por vir. Mas aqui, nestas escritas, poderemos perceber como cada uma delas vai se tornando aquilo que quer, encolhendo daqui, esticando dali, fazendo aflorar 'femininos' diversos' de árvores diferentes, mas sempre belas e alvissareiras.

Provocar novas perguntas sobre antigos temas, apontar formas mais sutis de resistência, iluminar lugares pouco problematizados, aumentar a compreensão do campo de estudo e sublinhar as relações de poder ali presentes foram forças que me instigaram nesse sentido (9).

Acionei a entrevista narrativa resignificada como a metodologia de pesquisa para aflorar suas memórias [10] em torno da criação e do fazer político

[10] Quando pensamos na memória não a tomamos como marcas de um passado organizado linearmente, ou com a ideia de tempo cronológico, e sim em formas múltiplas de recontar o passado recente em meio a saberes e poderes que atuam na sua organização a partir do tempo presente da narrativa (10). É comum pensar a memória como um fenômeno individual, próprio da pessoa, entretanto já nas décadas de 1920-1930 Maurice Halbwachs, sublinhou que a memória deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes, resultante de processos de interação social. (...)

delas com a EFASE. O meu encontro com as narradoras, a reciprocidade, também é parte do estudo, distanciando-se de uma ciência que se diz neutra, isenta, objetiva, atemporal e que carregue uma verdade universal e fixa (12). Enquanto mulher e pesquisadora feminista me coloco no mesmo plano do tema pesquisado reforçando minha motivação e imbricação na problematização deste tema, ocorrido através das mediações, observações, impressões e ações.

No ano de 2018 entrevistei as cinco narradoras dessa obra. Apenas duas delas eu conhecia. Não as selecionei previamente: fui a campo em uma “bola de neve”, uma técnica de seleção intencional de participantes. Este método é muito útil para identificação de especialistas locais sobre o tema pesquisado dentro de uma comunidade. Assim, com a primeira entrevistada ouvi memórias que envolviam a segunda entrevistada, e através das narrativas foram se desvelando os percursos que me levaram às outras participantes. Uma narrativa enredava-se à outra aflorando personagens, autoras, mulheres enredadas em fazer luta e escola.

Logo percebi que a imensa maioria das mulheres envolvidas na história da EFASE, e em seu cotidiano não faziam parte dessas narrativas. Contudo, espero que este esforço as engendre nessas narrativas, uma vez que as construções coletivas fazem brotar flores por todos os lados, tornando-as vivas e presentes. Todas elas que, ao longo desses 21 anos, em algum momento somaram forças ao fazer da EFASE: camponesas, educandas, monitoras, professoras, articuladoras. Meninas, moças, mulheres e anciãs. Todo meu respeito e admiração.

As entrevistas semiestruturadas continham perguntas orientadoras que abordavam, principalmente, as lembranças anteriores à fundação da EFASE, o “nascer e crescer” da EFASE, e expectativas atuais. Foram gravadas e transcritas mediante a autorização das mulheres através do termo de consentimento livre e esclarecido, e estas me permitiram identificá-las com seus próprios nomes e a utilizar suas imagens, por compreenderem a natureza

(...) Podemos acrescentar ainda a esta ideia que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (11). Dessa maneira, as memórias aqui relatadas não se tratam apenas de lembranças individuais revividas, e sim de um exercício de repensar e recontar com as imagens e ideias do presente as experiências do passado dentro de uma coletividade, carregando as ressignificações e percepções atuais da pessoa, como mais um ponto de vista sobre a memória coletiva.

deste trabalho.

É quase o momento de conhecer algumas das maravilhosas mulheres sertanejas, fundadoras e articuladoras da EFASE. No Capítulo II – Conhecendo as narradoras, as apresento pela ordem em que cheguei a elas: Neuza, Glória, Dona Zefa, Maristela e Nildes. As quatro últimas são fundadoras e ainda atuam de forma indireta na organização da escola. A primeira entrevistada, Neuza, não esteve presente da fundação da EFASE, contudo, está desde 2008 envolvida com a associação mantenedora da escola.

Após a apresentação delas conheceremos parte de seus relatos. Nesse momento minimizo a minha presença para que prevaleçam a suas vozes. As narrativas das cinco nordestinas foram por mim entrelaçadas combinando as linhas de pensamento por temas - unindo esses diálogos. Não me dediquei a interpretações de suas falas e nem em teorizações. Essa forma de se fazer contar, sem mediações, foi o caminho encontrado para formar uma espécie de “etnografia” do lugar, e de suas histórias. As próprias narrativas dizem como essas guerreiras contribuíram e contribuem no pensar e no fazer da escola; suas estratégias e resistências cotidianas, seus exercícios políticos.

As narrativas que configuram este livro foram transcritas buscando fidelidade a linguagem das autoras-narradoras, enriquecidas de suas expressões. Quando julguei necessário explicar algo que aparece na fala, o fiz utilizando colchetes com texto em itálico, e em alguns momentos notas de rodapé. Os colchetes com três pontos sugerem as falas que foram suprimidas. Quando as falas estavam ainda dentro do mesmo assunto dei continuidade na fala, unindo trechos, através dos mesmos colchetes com três pontos. Retirei falas quando estas repetiam de ideias, expunham algo muito particular, revelavam interferências minhas (perguntas, considerações), ou quando havia interseções de outros assuntos (comum no ato de contar) que pudessem alongar ou interferir muito no tema que pretendi abordar.

Então, no Capítulo III – Aflorando lutas, inicialmente enredei as narrativas que envolvem a fundação da escola, contadas por Glória, Dona Zefa, Maristela e Nildes em nossos encontros. Posteriormente, incluí Neuza para conhecermos os olhares e ação das cinco entrevistadas, sobre o gênero nos espaços que as envolvem: Igreja, Movimentos Sociais e EFASE. Além disso, conheceremos suas perspectivas sobre os desafios da educação do campo praticada pela EFASE, e o reconhecimento dos frutos colhidos ao longo desses 21 anos de (re)existência. Como desfecho conheceremos as narrativas de como essas mulheres, em suas histórias e trajetórias de vida conectadas à experiência

política deste lugar, criaram estratégias e resistências para seus exercícios políticos.

No posfácio é que estão tecidas por mim algumas reflexões teóricas e considerações finais, elencando algumas questões importantes iluminadas através das narrativas.

Por fim, resta dizer que as narrativas que nasceram de nossos encontros trouxeram temas e saberes diferenciais. Nesse livro, não atendo e aprofundo todas as questões que emergiram. Contentei-me com as que, capturadas por mim, mais se destacaram. Espero que esse contar atravessado pelas trajetórias, individuais e coletivas, nos dê mais alguns elementos para pensar a escola criada também por elas nesse chão. Afinal, (como me sinalizou uma adorável conterrânea) a história da EFASE é também a história dessas mulheres e vice-versa.

A bela ilustração de Patrícia é uma sistematização dos caminhos e fazeres da pesquisa. Inspirada no “Rio do Tempo” (do Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico, 2017). Essa metodologia é ótima para a visualização e (re)construção coletiva de memórias em uma experiência. Aqui está adaptada para o “Caminho do tempo”. Neste caminho da EFASE está representado meu trilhar, que, a partir do encontro com as cinco narradoras, fez emergir pensamentos e reflexões sobre a história da escola, e junto a esta, outras questões sobre o lugar.

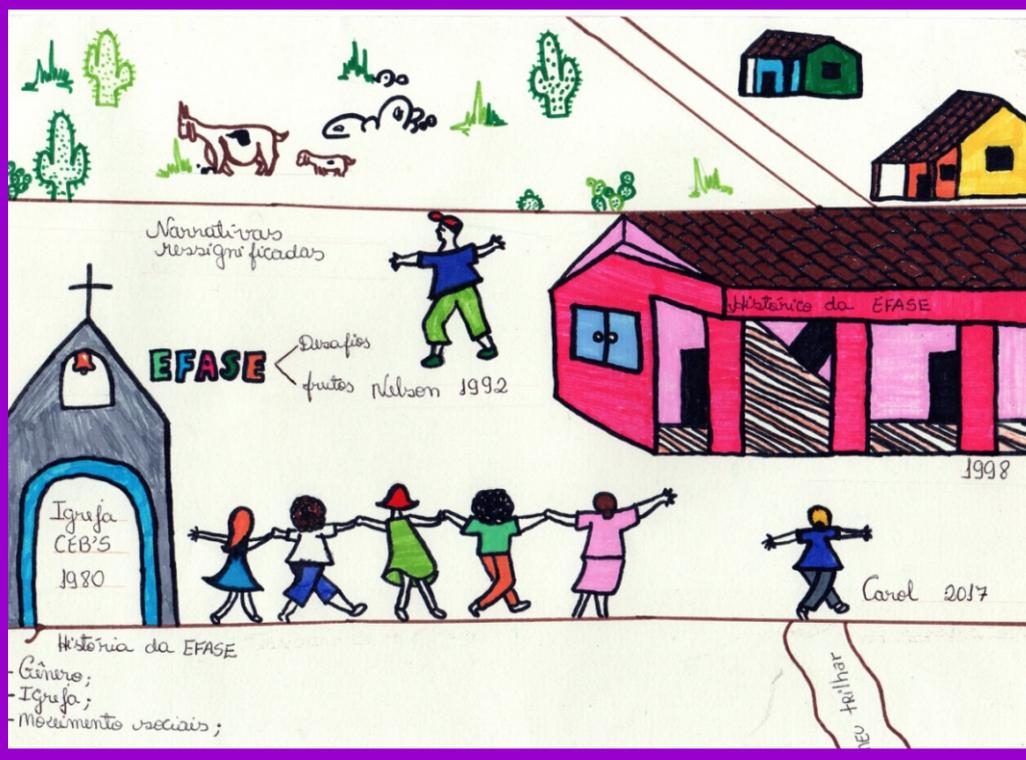


Ilustração: Patrícia Pereira dos Santos, 2019.

SER-TÃO MULHER: SERTANEJANDO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

KEU SILVA – ALMA CAMPONESA

Eu sou uma dessas Silvas
Espalhadas no Brasil
Que quase ninguém vê
Ou que finge que não viu
Ando de sol a sol
Querendo algo melhor
Mesmo sem acreditar
Ser-taneja e Ser-mulher
Que parece Ser-de-fê
Ser amor e ser amar!

Como a caatinga esperta
Busquei me adaptar
Floresço quando há chuva.
Me recolho, se não há
Minhas raízes são tuberosas
Com táticas poderosas
Habitadas a aridez
Sigo meu caminhar
Minha prece ao levantar
É que chegou minha vez!

Faço do Umbuzeiro
Um mestre de convivência
Ensinando em suas fases
Como é ter paciência
Aprendi com o caruá
Sempre há um jeito a dar
Perante as boicotagens
O mandacaru foi interposto
Aprendi não sendo sombra
ou recosto
Pra quem só deseja vantagem!

Com a caatingueira floresci
E ajudei quem precisou
Quem teve sua dor no bucho
Com minhas folhas curou!
Me embezei com o Ipê
Ao querer mudar meu ser
Fiz igual uma Jurema
Cresci e fiz madeira grossa
Comigo não há quem possa
Pois não sou planta pequena!

Aprendi com a aroeira
E aprendi com Juá
Quem quiser vencer na vida
Vence em qualquer lugar.
Quando cansei no caminho
Voei como passarinho
E escolhi onde pousar
Se as asas estão cansadas
Como cobra dou rastejadas!
Só não permito parar!

Se eu já fiz mal a alguém
Nunca foi minha intenção
É que andando no mato
Aprendi ser cansação.
Criei técnicas de defesas
Com essa mãe natureza
Que me ensina todo dia
Eu não posso reclamar
Se precisando ela me dar
Sem nenhuma regalia!

Mas a vida sertaneja
 Parece guerra sem fim
 Reclamar do meu lugar?
 Isso tá longe de mim!
 Me queixo é de gente vazia
 Cheia de Heresia

Com a vista limitada.
 Que sedenta por poder
 Deixa a gente perecer
 Sem ter um direito a nada!

Escolheram o Nordeste
 Pra fundo de opressão
 Mas a gente é resistência
 Do litoral ao Sertão
 Em 500 anos de lorota
 Com conversa idiota
 Igual arapuça na estrada!
 Só engana bicho besta
 Desses que se pega em cesta
 Ou em arupemba emborcada!

Aprendi fazer lição
 Em cada canto que andei
 Nordestina é mulher forte
 Disso nunca duvidei
 Eu fiz do meu coração
 Solo raso de torrão
 Rico em fertilidade
 Mas eu só deixo brotar
 Planta que faz germinar
 Respeito, amor e verdade!

Minha ancestralidade
 Está fincada nesse lugar
 Tá no chapéu do vaqueiro
 No jibão e no caçua
 Tá na fé dos Severinos

Na teimosia dos meninos
 Tá em cada Margarida
 Que não arredou o pé da luta
 Sua coragem e conduta
 Custou inclusive a vida!

Eu acho que minha força
 Está em cada retirante
 Que rente a tanta miséria
 Foi viver mais adiante
 Construiu esse país
 Sonhando em ser feliz
 Na sua terra amada
 E além de sofrer da fome
 Foi sofrer de outros homens
 Xenofobia declarada.

Com as feridas e as dores
 Me fiz arte pelo céu
 Pisei a tristeza no xote
 Depois declamei no cordel
 E sem um pingão de dó
 Fiz dela canção de forró
 E pra Asa branca cantei
 Fiz quadrilha e arraiá
 Puxei fole e fui dançar
 E a alegria encontrei!
 Eu nasci perante a luta
 Principalmente de viver
 Driblei a desnutrição
 Então escolhi vencer
 Escolhi Sertanejar
 Ser parte desse lugar
 Exemplo de resistência
 Um ser-tão encantador
 Ser-tão cheio de amor
 Sertão de Resiliência!

Aprendi ser rebeldia
Com o cangaço de Lampião
Cada luta nesse solo
Me fez ser revolução
Sou a conjuração Baiana
Revolta Pernambucana
Sedição de Juazeiro
Revolta dos Malês, Cambanada
Também sou a Balaiada
Sou Canudos de Conselheiro!

Sou as ligas Camponesas
Revolta de Pau de Colher
Romances de Jorge Amado
Sou Patativa do Assaré
Sou Dandara, sou Zumbi
Eu sou Luísa Manhin
Referência e liderança
Sou o maior presidente
Que devolveu pra gente
A menina esperança!

Sou quem morreu de fome
Vendo a terra rachar
E renasceu com a chuva
Ao ver a água jorrar
Sou eu, filha do Nordeste!
Então seu cabra da peste
Me respeite por favor!
Meu sangue é de guerrilheira
De toda mulher brasileira
Que por esse país batalhou!



CAPÍTULO II CONHECENDO AS NARRADORAS



Foto: Neuza de Jesus Santos Nascimento, 2019.

“Nós temos que sim, buscar nossa liberdade, o nosso direito de estar nos espaços, o direito de falar quando a gente achar que devemos falar, e não ser calada pelas pessoas só porque elas se acham no direito de dizer que você não pode falar.”

Manhã de 15 de Julho de 2018. Começava mais um domingo em Monte Santo e, mesmo com o sol já forte, ventava muito. Ainda ofegante da pedalada esperava Neuza do lado de fora da Associação Comunitária Terra Sertaneja (ACOTERRA), nosso ponto de encontro. Após breves minutos ela surgia de uma das esquinas daquela rua, vinha trajando um bonito vestido. Uma lufada daquele vento brincalhão fez com que ela precisasse segurar suas vestes. Devido a esse acontecimento trilhamos o caminho até sua casa conversando sobre o controle dos corpos femininos, em como esse mecanismo se reproduz em nossas vivências cotidianamente.

Neuza de Jesus Santos Nascimento nasceu em 1984 e é filha de uma comunidade de Monte Santo, Fazenda do Caixão. Trabalhou desde muito jovem. Ouvia os conselhos de sua avó Josefa Carolina: não deveria esperar nada de ninguém, deveria buscar. Neuza é mãe de dois filhos, e tem formação superior em geografia.

Está envolvida com os trabalhos da EFASE desde 2008. Atuar no projeto “Centro de Referência em Direitos Humanos dos Agricultores (as) Familiares da Região de Monte Santo” foi o primeiro passo para seu envolvimento na associação mantenedora da EFASE, antes Associação Regional da Escola Família Agrícola do Sertão (AREFASE), hoje ACOTERRA. E até hoje permanece nesta. É um importante pilar de sustentação do trabalho que entidade realiza.



“As mulheres também têm sua participação muito forte na luta política, na luta política da igreja também e na luta da terra também. As mulheres tiveram muita participação, muitas vezes até mais que os homens.”

Foto: Maria da Glória Cardoso do Nascimento, 2019.

Era uma agitada tarde de quinta. Dia 19 de julho de 2018. Antes de nosso encontro ainda não nos conhecíamos. A maneira simples e direta para os acertos desse momento deixou uma impressão em mim, sobre ela: pareceu-me uma pessoa prática. A caminho de sua casa parei numa gráfica para fazer uma impressão, e lá a encontrei inusitadamente. Após breves segundos de reconhecimento mútuo soube que ela estava atarefada, resolvendo coisas importantes.

No caminho seguimos conversando. O assunto foi principalmente sobre Monte Santo e seus aspectos culturais e sociais. Ela nem sempre vivera ali. Guardava saudades do município vizinho Uauá, seu local de nascimento.

Maria da Glória Cardoso do Nascimento nasceu em 1954, e é mãe de dois filhos. Tem formação superior em Assistência Social. Hoje é professora aposentada. Quando se mudou para Monte Santo logo se envolveu com as CEBs, luta está que possibilitou a criação da EFASE. Seu envolvimento se estendeu à articulação popular através do Partido dos Trabalhadores (PT), Pastoral da Criança, Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda (ARESOL) e Associação Comunitária Terra Sertaneja (ACOTERRA).

“A mulher é guerreira, é! Porque você vê que ela tá em todos os espaços, em todos os momentos.”



Foto: Josefa Andrade de Brito, 2019.

No caminho da sede de Monte Santo para a comunidade Lagoa do Saco, ia contente na garupa de uma moto, na tarde de 26 de julho de 2018. Lá chegando não foi difícil encontrar a residência de Dona Zefa, era uma pessoa muito conhecida na comunidade. É um bonito sítio, simples e bem cuidado. Tem cisterna, plantação, criação animal e um terreiro varrido bem aconchegante.

Ao meu chamado Dona Zefa veio lá de dentro, havia eu a interrompido em algum de seus afazeres. Sentamos à mesa de sua sala, que depois soube ser decorada com os muitos artesanatos que ela faz. Em nossa conversa, ela brincava distraidamente com suas tesouras. Uma fala forte e calma.

Josefa Andrade de Brito nasceu em 1950, e é mãe de doze filhos. Matriarca de uma grande família. É agricultora e artesã. Ativa desde a década de 1980 na articulação popular camponesa, através da luta sindical, e animadora de pastoral religiosa, através da CEBs. É uma das fundadoras da EFASE. Hoje é Ministra da Eucaristia e permanece na luta através da Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda (ARESOL), EFASE, Associação comunitária da Lagoa do Saco e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Monte Santo.

“A mulher participava mesmo, trabalho duro também né? Ajudando nessa construção (...). Era a mulher mesmo que motivava que o pessoal participasse.”



Foto: Maristela Santos de Santana Ferreira, 2019.

Minha surpresa e contentamento quando a ouvi chamando na porta de minha casa foi enorme. Havíamos tido dificuldade em nos comunicar para combinar o encontro. Mesmo se recuperando de um problema de saúde ali estava ela, firme e doce. Quando pedi para entrevistá-la, ela prontamente concordou. Seu filho Márcio me ajudou a encontrá-la naquela noite de quinta, dia 02 de agosto de 2018. Por vezes, ela vinha de sua comunidade, o Itapicuru, para a sede de Monte Santo.

Já tinha o prazer de considerá-la uma amiga. Então o início de nossa prosa à mesa da cozinha de casa, foi um compartilhar de acontecimentos de nossas vidas.

Maristela Santos de Santana Ferreira nasceu em 1967, é mãe de cinco filhos, e formada em magistério. Hoje é professora aposentada e agricultora. Esteve presente na articulação popular desde 1980, como animadora de pastoral religiosa, participando da fundação da EFASE, e posteriormente atuando na associação mantenedora da EFASE, AREFASE. Hoje é Ministra da Eucaristia; participa da Associação comunitária da comunidade do Itapicuru, Grupo Cultural de Reisado e Grupo Produtivo de Mulheres do Itapicuru.



Foto: Veronilde Oliveira da Costa, 2019.

“Eu acho que é inadmissível que a gente continue nessa posição enquanto mulher, nessa posição sem a voz! (...). Eu acho que é uma necessidade que a gente quebre essas barreiras”.

No cair da tarde de 03 de agosto de 2018 viajava de Monte Santo para Senhor do Bonfim, cidade que hoje reside Nildes. Perto das 19h30min cheguei à sua residência e me sentia grata por ela concordar em me receber no final de uma longa semana de trabalho e viagem, no momento de seu descanso.

Nossa conversa foi longa, e passei a admirá-la ainda mais a partir desse encontro. Possui uma enorme capacidade reflexiva sobre a realidade social do território. Como mulher que veio do campo, filha de agricultor e professora, é muito fácil perceber o tamanho da consciência de responsabilidade que ela tem com educação e com este lugar.

Veronilde Oliveira da Costa nasceu em 1975. É mãe de uma filha. Pós-graduada em metodologia do ensino da Matemática, professora da Educação Básica da Rede Pública dos municípios de Senhor do Bonfim e Filadélfia. Desde jovem esteve na articulação popular através da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), e foi uma das primeiras monitoras da EFASE. Ainda hoje está envolvida indiretamente nos trabalhos da Associação de Assistência Técnica e Assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares (CACTUS) e Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda (ARESOL).

O PODER FEMININO

VANESSA PEDREIRA DOS SANTOS

No olho
Na face
Na curva do corpo
Da pele
Não nega, negra.
Luanas, Paolos e Robérias
Vanessa, Elisas e Amélias.
Todas elas.

Mulheres arretadas com o mesmo objetivo de vida, serem notadas, sem passar batidas, agredidas, comercializadas, insultadas e incompreendidas. Mesmo sendo fortes são fragilizadas, oprimidas e diminuídas.

Por serem simplesmente mulheres não por serem simples, mas, por serem mulheres.

Juntas, criamos uma autodefesa, uma proteção que reflete afeto sutileza e inspiração.

E de se admirar a forma em que nos entendemos e assim nos dotamos a se lapidar e evoluir.

Sejas persistência, insistência e resistência, não que seja fácil, por que não é, mas esperamos que seja, para que um dia possamos nos permitir e perceber que qualquer raça, posição social ou opção sexual é insignificante quando se tem amor.





CAPÍTULO III

AFLORANDO LUTAS

DO SEMEAR AO GERMINAR: NARRATIVAS QUE ENVOLVEM A FUNDAÇÃO DA EFASE

Eu acho o seguinte: que a escola, a EFASE, ela não encontra sua base, seu lastro de sonho, de realização de uma hora para outra... Ela é fruto de um processo histórico, vivido em Monte Santo principalmente. É, eu acho que Itiúba e Cansanção [*municípios vizinhos de Monte Santo*] também passavam por esse processo né? Que é a CEBs [*Comunidades Eclesiais de Base*], que chega nessas comunidades, nesses municípios, nessas paróquias, através dos Padres, das Freiras, aí final da década de 70 e início e no decorrer da década de 80. E aí a gente tem a presença de muitas comunidades fortalecidas, onde se juntava não só para rezar, cantar, mas para refletir a realidade e acreditar que a vida não era tão boa, mas não, isso não era fatalidade, isso tinha um porquê... (NILDES)

Assim, desde os anos 80 que a gente iniciou uma luta aqui, através da Igreja né? Na época da teologia da libertação, chegou Padre Enoque aqui, umas freiras [*Irmãs pertencentes às Missões Consolata. Destaca-se nas entrevistas o nome de Irmã Melânia*], e a gente começou a trabalhar com as comunidades. E o trabalho além de religioso, além de discutir bastante a Bíblia, se discutia também a realidade do homem do campo. [...] Aí dentro do trabalho bíblico se discutia a realidade física, a realidade educacional, a realidade social, dos agricultores, da população de Monte Santo e política também, né? E a realidade política daquela época. (GLÓRIA)

Eu sou fundadora dessa escola, entendeu? Essa escola, ela, quer dizer, antes da fundação dessa escola eu lembro, que eu sou mãe de 12 filhos entendeu? [...] E aí antes disso a gente já se preocupava com educação. Entendeu? Eu lembro que eu era animadora [11] de comunidade, eu participava dos encontros... aí por a

[11] Animadoras e animadores das CEBs são também chamados agentes pastorais: padres, religiosas ou leigos (as), formados (as) pelas próprias comunidades. Assessoram e articulam as comunidades em suas frentes de luta, cuidando para que o próprio povo seja sujeito de sua história (4).

fora... [...] Nos movimentos sociais, trabalho de base, né? E aí a gente sempre participava das coisas, e a gente discutia também, preocupada com o problema da educação. Porque naquela época a educação é como se não fosse para os filhos de gente pobre entendeu? E a gente via uma deficiência muito grande, até mesmo, que a educação, na verdade, ela era uma educação que tirava nossos filhos a roça. Era estudar e se mandar para São Paulo, pra cidade grande, entendeu? E a gente não via assim uma educação que viesse beneficiar, mesmo, como devia ser. [...] A gente via essa deficiência, é como se filho da gente não era pra estudar! Porque a gente percebia que a educação não tava servindo! Se estudava, e tinha que se mandar no mundo? E era uma educação que só era até a quarta série, aí acabava se mandava. **(DONA ZEFA)**

Então, assim, na época, eu lembro que a gente não tinha conhecimento né? Assim, conhecimento que a gente poderia lutar pela terra né? Era assim bem... O conhecimento era mínimo. Mas eu já participava, eu participava dos trabalhos da igreja né? Reuniões. A gente teve muitas reuniões, eu lembro que era muito puxado, mas sempre vinha às reuniões. Como líder da Pastoral da igreja, aí vinha participar das reuniões de formações, né? Aí encontros que tinha e, eu lembro que era muito esforço mesmo, mas eu tinha um sonho né? De tornar a comunidade bem mais, com mais conhecimento né? E todo conhecimento que eu adquiria tentava passar ao máximo pra comunidade né? Através das celebrações. Porque a gente se reunia mais nas celebrações. **(MARISTELA)**

Com a CEBs, as mulheres nesse momento, elas tiveram um papel muito importante: o papel da animadora de comunidade. A mulher nesse momento ela tem um destaque muito grande. Nessa região a gente encontra mulheres muito fortes. Se a gente dá uma volta em Monte Santo, a gente encontra mulheres fortes, a gente encontra, Dona Maria do Saguim [*Comunidade rural de Monte Santo, BA*], a gente encontra Maristela no Itapicuru [*Comunidade rural de Monte Santo, BA*], a gente encontra Dona Maria do Muquém [*Comunidade rural de Monte Santo, BA*], a gente vai encontrar Dona Menininha do Marruais [*Comunidade rural de Monte Santo, BA*], a gente vai encontrar mulheres fortes, marcantes nesse momento, de serem animadoras de comunidades né? E são várias... eu não queria nem citar nome de alguém, aí oh! Me arrependi, porque vou ser injusta com tantas mulheres muito importante nesse processo. **(NILDES)**

Eu sou filha de agricultor, minha mãe é professora, que sempre atuou no campo, na roça, com alfabetização [...] minha mãe sempre foi ligada a CEBs, meu pai ligado ao sindicato. E então na verdade, eu muito jovem já entro pra Pastoral da Juventude do Meio Popular e aí a gente vai o tempo todo discutindo e refletindo sobre a realidade local. E a gente percebe o seguinte, que existia um abandono muito grande, o campo era muito abandonado né? Monte Santo é uma cidade pequena, com o território imenso, onde nós temos um grupo da cidade, que sempre foi um pouquinho mais abastada em alguns direitos, e a grande população da cidade, do município, ficava muito abandonado no campo. Eu sou uma das poucas pessoas que vim do campo, filha de agricultor, que consegui estudar, e terminar o Ensino Médio naquele tempo, eu e meus irmãos, que minha mãe batalhava muito, assim ela compreendia o valor da educação e ela batalhou muito pra que a gente estudasse e pra que o pessoal da comunidade da gente, os alunos dela, continuasse os estudos. (NILDES)

A gente também tinha muita dificuldade de fazer o trabalho por causa do número de analfabetismo bem elevado aqui em Monte Santo. O número aqui era bastante elevado de analfabetos. E a gente sentia essa dificuldade, a gente buscava sempre alternativas né? Através até da leitura da Bíblia, a gente trabalhava com eles assim de uma forma que eles entendesse e até criasse a expectativa de aprender a ler. A gente tem agricultores que aprendeu a ler com a leitura da Bíblia. E aí ficava sonhando em botar em uma escola diferente. Nosso sonho era ter uma escola diferente voltada para a realidade do trabalhador, do agricultor, do homem do campo, e também das mulheres né? E dos jovens, porque sempre foi precária questão de educação aqui em Monte Santo, sempre, sempre.

Aí o nosso sonho era esse né? De ter uma escola diferente. A gente tentou muito, de várias formas, buscando no governo, como o MOBREAL [12], essas coisas e nada disso era suficiente né? Todos os cursos do governo eram cursos defasados, que não chegava na realidade das pessoas, e que as pessoas iam por ir e permaneciam no mesmo analfabetismo. Até que a gente fizemos muita discussão junto com as religiosas, com os padres, com os leigos, aí a gente criou a educação popular, a educação popular na linha - educação de jovens e adultos -

[12] Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) (1967-1985), movimento educacional criado e desenvolvido no contexto da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) no Brasil. Visava substituir o método de alfabetização de adultos do educador Paulo Freire, apesar de ser uma metodologia influenciada por seu método (13).

na linha de Paulo Freire. Aí a gente fez vários cursos por aí, tinha uma freira muito interessada que era Irmã Melânia, depois Nelson [*Nelson de Jesus Lopes, líder popular que ainda hoje contribui ativamente com a articulação local e com a EFASE*] chegou e entrou nessa luta com a gente, e através da educação popular veio o sonho da Escola Família Agrícola.

Quem trouxe esse sonho? Eu conheci assim, por longe, porque em Cícero Dantas [*Município do Estado da Bahia*] já tinha Escola Família Agrícola já há muito tempo, numa celebração dos Cem Anos de Canudos [13] eles fizeram apresentação, muito bonita. Aí eu botei na minha cabeça, até que eu falei à Zefa: “Ói Zefa, é isso que a gente quer para Monte Santo!”. Mas a gente nunca pensou em ter uma Escola Família Agrícola em Monte Santo, só ficou naquilo ali. Mas a gente vivia sempre dizendo: “tem que ter educação popular, tem que ter educação de jovens e adultos na linha de Paulo Freire.” Aí a gente foi fazendo uns cursos por aí, com ajuda da Irmã Melânia, de Nelson que chegou, fomos elaborando materiais, elaborando materiais, até que a gente criou a educação de jovens e adultos.

Aí como era menina? A gente pegava, eu queria pegar os animadores de comunidade, muitos deles semianalfabetos, e a gente trazia para cidade, e fazia a formação com eles, para eles - alfabetizar aquele jovens e adultos de lá de cada comunidade. Então a gente fez formação com eles, muita formação, e... até que chegou o dia de cada comunidade criar o seu grupo. E aí foi muito bonito esse trabalho, bonito mesmo, durou uns anos... depois a Pastoral da Criança [14] também entrou no meio com um programa também de educação de jovens e adultos e aí juntou tudo e a gente fez aquele trabalho. E foi a partir daí que Nelson já trazia uma experiência de Escola Família Agrícola, do lado aí do Maranhão... **(GLÓRIA)**

O Nelson parece que caiu como um paraquedas! (Risos) Porque ele veio pra Monte Santo, menina, e até hoje tá. Foi como uma coisa que veio, foi caído de

[13] Referência à Guerra de Canudos (1896-1897). O confronto ocorreu entre o Exército da República e o movimento popular de fundo sócio-religioso, liderado por Antônio Conselheiro. O município de Canudos era na época uma pequena aldeia que surgiu durante o século 18 às margens do rio Vaza-Barris. A cidade de Monte Santo foi quartel-general das tropas do Exército republicano (14).

[14] A Pastoral da Criança é um organismo de ação social da CNBB que alicerça sua atuação na organização da comunidade e na capacitação de líderes voluntários que ali vivem e assumem a tarefa de orientar e acompanhar as famílias vizinhas em ações básicas de saúde, educação, nutrição e cidadania (15).

paraquedas. Foi mesmo! Um anjo de Deus que apareceu assim, e tá até hoje aí. Entendeu? E foi ele que trouxe essa experiência né? Da Escola Família, porque ele começou a trabalhar com a gente, que a gente trabalhava na luta sindical entendeu? Sindicato era na mão dos políticos e a gente também sofria isso aí também, que aí quando a gente descobriu também o que era o Sindicato [*Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Monte Santo*], já tinha o Sindicato em Monte Santo. Mas não era fundado por a gente... E aí para tomar esse Sindicato das mãos dos político? Foi uma luta. Trabalho das CEBs foi muito forte nessa época e já chegou também o Padre Enoque em Monte Santo, e aí foi uma luta. Então o Nelson já pelo meio da gente, aí quando pensa que não, ó essa luz brilhando no fundo do túnel, né? **(DONA ZEFA)**

Mas o estudo muitas vezes era a porta de saída do campo né? E se tinha a mentalidade de que campo, de que agricultor, era coisa de analfabeto né? E a troca que se fazia, entre o cabo da enxada e o cabo da caneta né? É como que agricultor não pudesse ser estudado, escolarizado, não tivesse o direito a isso né? Então era essa inquietação que movia a gente entendeu? E então pronto, vem quem? Vem um grupo de jovens, que Nelson foi identificando assim, Nelson tem uma participação muito forte nisso, muito interessante...

Nelson é um jovem que chega em 92, em Monte Santo, era um estagiário de Agronomia, que vem pro Nordeste fazer um estágio no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, de uma cidade que tinha o IDH horroroso, no Nordeste e aí ele consegue perceber que existia um desejo, ali dos agricultores, de uma realidade diferente. **(NILDES)**

A gente pegou uns quatro jovens que era Ivone, Nildes - essas duas irmãs do Luiz - Edivaldo e Simone. Primeiro foi a Ivone para o Espírito Santo fazer a formação. Depois foram os três, e tinha também a Dudu [*Maria do Carmo*]. Foram mais quatro fazer a formação, a formação inicial para Escola Família Agrícola. **(GLÓRIA)**

Porque nessa época era assim, para ser monitor de Escola Família Agrícola precisava participar de um Centro de Formação no Espírito Santo, que formava monitores de Escola Família Agrícola para o Brasil inteiro. Nesse Centro de Formação, no Espírito Santo, a gente tinha a oportunidade de conviver com os futuros monitores de Escolas Famílias Agrícolas que iriam se espalhar no

Brasil inteiro. E a gente ficava lá nos 8 meses, em sistema de internato dentro do próprio Centro de Formação, todo mundo convivendo, foi um momento muito rico. [...] A gente encontrava a equipe de monitores, percebia o engajamento da comunidade pra responder aquela, aquele sonho, que não era mais da equipe de monitores, não era mais de Nelson, mas era o sonho da comunidade de Monte Santo, de Cansanção, de Itiúba, a voz de Queimadas também... (NILDES)

Foi 98 [ano de 1998], porque em 98, ela foi o primeiro ano que ela funcionou aqui na Lagoa do Saco [Comunidade de Monte Santo, BA]. [...] O começo dela foi aqui. Então eu botei o meu primeiro filho. [...] Aí a gente começou os trabalhos, trabalhar na criação do estatuto, pra partir pra criação do estatuto, aí já tinha a discussão. [...] Aí menina, sei que foi essa luta aí, nesse período aí, e criemos o estatuto, e criemos a diretoria e funcionou primeiro ano aqui. (DONA ZEFA)

A escola começou e nós ainda não tínhamos estrutura da escola. O Padre Joaquim queria comprar um terreno aqui, mas era muito próximo da cidade, é onde é hoje minha casa minha vida [Programa Minha Casa Minha Vida, Governo Lula]. [...] E aí a gente não achou viável, porque estava muito dentro da sede. [...] Como a área da escola é uma área de fundo de pasto, e pra conseguir aquela área de fundo de Pasto foi com muita luta, com sangue, com luta mesmo né? Correria, prisões. É... Houve um conflito muito forte ali dentro, inclusive dentro da área da escola, houve um confronto muito forte ali dentro que acabou com assassinato e tudo. E aí a gente na época da escola já estava tudo calmo, a gente já tinha regularizado o fundo de pasto, já tava livre o fundo de pasto de conflito, e a gente sugeriu que a escola fosse numa área de fundo de pasto, principalmente uma área que a gente lutou bastante para conseguir. E aí a gente sugeriu lá na Lagoa do Pimentel [Comunidade de Monte Santo, BA], aí pronto, fomos da regularização da área, trabalhar a área... (GLÓRIA)

Mas, a gente muda em 99 [ano de 1999] para a escola e a escola nem tá pronta ainda, ela tá em construção. E a gente já na escola, a escola já funcionando, já com duas turmas, que nós tínhamos quinta e a sexta série... (NILDES)

A escola foi feita toda em mutirões, era todo final de semana ia uma comunidade, ia outra, e a gente fazendo a mobilização. Minha participação foi

na mobilização, logo no início, na mobilização das comunidades, das associações, na questão da área e também até na construção, dia de domingo a gente ia para lá trabalhar mesmo nas casas, rebocar, pegar a massa essas coisas todas, foi um trabalho assim... bem interessante e valioso. (GLÓRIA)

Márcio meu filho, já foi um dos alunos da primeira turma né? E... eu lembro que era muita dificuldade. Mas a gente com aquele sonho, aquela vontade né? A gente conseguiu ficar com ele lá. [...] Daí a gente veio à construção né? A gente foi trabalhando na comunidade, e graças a Deus a comunidade onde eu moro até hoje ela é muito boa, assim de se trabalhar, né? Trabalho em mutirão. E aí a gente convidava as pessoas, passava a ideia e a gente vinha... [...] E aí a gente vinha também: mulheres e homens, daí a construção. E eu conciliava, ainda trabalhava de professora também né? Mas a gente dava um jeitinho e acabava conciliando tudo né? [*Risos*] Acho que quando a gente tem vontade e quer né? Sempre a gente encontra maneira de se envolver mesmo. E a gente se envolve e num consegue ver diferente né? Porque eu acreditava na mudança, né? De que era uma escola realmente que viria trazer muitas mudanças pras comunidades. [...] De maneira, que era através dos mutirões, através da alimentação: que a gente ajudava mandando alimentação. E já atuei também como... teve uma época que atuei também na Associação. [*Associação mantenedora da escola*] Quer dizer, sempre fui sócia né? E atuei na coordenação por um período, acho que de 4 anos, né? Que foi uma eleição num período e depois teve eleição e eu continuei atuando novamente. [...] Eu estava como conselho fiscal. (MARISTELA)

Nos mutirões não, tinha a participação das mulheres, mas tinha também de muitos homens. Mas as mulheres também participavam dos mutirões. Os trabalhos de comunidade, tínhamos - apesar da gente ir mais para as associações - mas nós tínhamos mais participação das mulheres. E as mães também entravam, assim, de cheio, nos mutirões da escola. É... A gente fazia também campanha nas comunidades, eram sempre as mães que faziam essas campanhas junto com eles pra adquirir alimentos, coisas pra levar para escola. Que no início foi assim, a gente tinha que envolver a comunidade, e envolvia a comunidade dessa forma, na alimentação, nos materiais necessários da escola e foi muito bom isso, né? Então era um envolvimento total das mulheres nisso aí. [...] Na ideia da escola no início, apesar de ter esse sonho da gente, a ideia principal foi do Nelson e que o Padre Joaquim acatou, mas tinha a Irmã Melânia, tinha a equipe toda que era mais de mulheres. (GLÓRIA)

Então, e eu mesmo como mãe, não foi fácil para mim, porque eu, porque a gente não tinha condições de jeito nenhum! E a gente lutou mesmo em defesa dessa escola, eu mesmo com meus filhos não foi fácil [...] Fia, só Deus mesmo que ajuda, a gente não sabe nem como, mas é só Deus que ajuda, porque eu mesmo no começo: a gente não tinha nada, não tinha feijão, não tinha farinha, é devendo compra... E ajeitando daqui, dali, do motor de sisal. Na verdade tinha o motor do sisal. Que era a fonte de renda. Porque na roça tirava uma coisinha pra sobreviver, mas a família também já era grande, entendeu? E não foi fácil, então financeiramente a gente encarou essa escola porque a gente sabia que era bom, porque até hoje mesmo, e hoje ainda tá muito difícil, porque a gente tem que manter ela também financeiramente [...] Doando alimentos. [...] Aí menina, eu fui, fiz parte da diretoria dois mandatos. Hoje é que eu não faço mais parte da diretoria, [...] Mas contribuo como sócia né? Da Associação mantenedora.
(DONA ZEFA)

Aqui mesmo em casa era um apoio direto da Escola Família Agrícola, era onde a gente tinha computador, era escritório - que hoje tem - era basicamente aqui em casa, onde se fazia todo material, onde tudo se reunia, tudo era aqui.
(GLÓRIA)

Recurso era muito escasso e aí a gente vai a uma ajudinha às vezes da Prefeitura, os pais se mobilizam vão lá na prefeitura, na Câmara de Vereadores, exige que a prefeitura faça uma contribuição, e a contribuição que a prefeitura dava era pagar alguns professores, pagar os monitores na verdade e dava transporte às vezes, com dificuldade... [...] Muitas comunidades de onde vinham os alunos, faziam, escolhiam a roça de algum dos moradores, fazia o plantio em mutirão, colhiam e aquela colheita eles levavam para escola. Às vezes um fundo de pasto doava também uma cabra, ou um pai de fundo de pasto doava uma cabra, doava um carneiro, então a gente sempre teve uma participação boa. Outras comunidades faziam o seguinte: faziam uma cesta básica antes do aluno ir, o aluno ia pra escola na sexta, na semana que antecedia, a comunidade fazia uma cesta básica e o aluno levava pra escola. Então a gente vivia muito, a escola sobrevivia da participação das comunidades.
(NILDES)

Hoje, eu, pelo o público que nós alcançamos, foi muito interessante. [...] Então para mim a Escola Família Agrícola deveria se multiplicar em outros municípios. (GLÓRIA)

NARRANDO E PENSANDO O GÊNERO: A POLÍTICA, O LUGAR DA MULHER E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

E aí depois a Igreja já não tem a mesma força. A Igreja que prega essa teologia da libertação já não é tão forte, já se aparece com mais força uma Igreja mais conservadora e a comunidade percebe. É como que ela tivesse ficando órfão daquela reflexão. E aí as comunidades vão o quê? Vão agora migrando pras associações, se fortalecendo: não é só mais Igreja, mas também associação, não é só mais Igreja, mas é também sindicato, a luta da Igreja vai também se fortalecendo nos movimentos sociais e os movimentos sociais também vão nascendo dessa história né? (NILDES)

Pra mim [a Igreja] já foi - é de suma importância - foi de suma importância. Hoje as comunidades cobram bastante essa participação, porque o povo daqui é muito católico, acredita muito na Igreja e pras comunidades essa volta da Igreja seria muito importante. É tanto que cobram todos os dias. Mas quando a gente vê hoje o retrocesso da Igreja hierárquica, né? A gente não tem mais essa vontade, sabe? A gente construiu as coisas, continuou o trabalho independentemente da Igreja, eu acho que deve continuar. Nós construímos a ARESOL [15], construímos Pastoral da Criança, construímos a AREFASE, construímos ACOTERRA. O partido [Partido dos trabalhadores - PT] veio ter mais nome depois que saiu da Igreja, nós nunca elegemos ninguém enquanto estávamos na Igreja, elegemos dois vereadores fora da Igreja, então eu acho que se vier Padres para apoiar tudo bem, agente vai receber o apoio, vai querer o apoio. Agora lá dentro mais, eu acho que a gente não pode, nem deve, porque não tem mais Padres com esse perfil de liberdade. A Igreja hoje é Igreja, sacramentos e acabou. (GLÓRIA)

[15] Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda, criada em 2007. A sede localiza-se em Monte Santo. É uma rede de grupos produtivos solidários e gestora de Fundo Rotativo Solidário (FRS), originada entre grupos familiares que vivenciavam a experiência dos Fundos Rotativos Solidários, através da Pastoral da Criança e se consolidou na integração dos 48 grupos formados pelo Projeto Vencer Juntos, desenvolvido a partir de 2003 na Diocese de Senhor do Bonfim, voltado para atender, de forma solidária, famílias carentes e excluídas do convívio social (16).

E aí já nesse momento das associações, eu percebo um enfraquecimento da liderança da mulher, liderança feminina. Eu acho que foi muito, muitas vezes essas mulheres incentivavam a fundação da associação, mas elas mesmas não era a Presidente, elas preferiam ficar na retaguarda. Na hora de dar: é presidente? Então não... Presidente vai um homem... [...] Então eu acho que: no momento da transição entre as comunidades, animadora da comunidade, agora a comunidade não precisa de uma instituição que lhe represente juridicamente que é a associação. E essa associação tem estatuto, tem documento, e ela tem CNPJ. Então ela agora tá instituída, assim, oficialmente, então nesse momento eu sinto que a presença feminina ela não tinha a mesma força. Então assim muitas mulheres se destacaram nas associações, mas assim de um modo geral, eu acho que a presença masculina ela era mais marcante. A animadora é a animadora da comunidade, e agora é o presidente da Associação. É o presidente do Sindicato. Tinha mulheres presidentes? Tinha, mas não no mesmo número dos homens. (NILDES)

Hoje tá até... Veio mais os projetos com essa questão que as mulheres têm que ter uma porcentagem dentro dos projetos, mas que eu fico indignada porque entra como obrigação não como direito, né? Ainda, aí você consegue ver assim. [...] E aí tem outras coisas também que é doloroso. É que os cargos maiores, às vezes, acaba indo mais os meninos, pela questão da flexibilidade deles, do estudo, e alguma coisa e outra. Apesar de quando vai para parte dos estudos nós mulheres é quem hoje, né? Apesar, mas hoje a gente ainda tem aquela coisa boa de estar ali na frente dos estudos. Mas se não tivesse era pior, porque nosso lugar é na cozinha né, pilotando o fogão, lavando roupa, pro pai, pra mãe.

Eu acho que mesmo dentro dos movimentos e a gente brigando pela questão da igualdade, a gente ainda falta muito. [...] Que deveria, se já que a gente briga a gente tem que começar a fazer dentro pra depois continuar sua briga. Mas eu vejo muito que a gente briga por coisas, mas não começa a fazer diferente assim, briga de uma forma geral. Eu sei que é o sistema também, mas a gente tem que adequar, né? Se a gente tá dizendo que tá numa luta pela melhoria, pela a igualdade da mulher pela colocação dela, né? E eu que eu vejo assim, não posso dizer a você que tenho um conhecimento, mas vou pegando no pouco que eu vou vivenciando e dentro dos espaços. É que assim os movimentos, principalmente quando você vê o homem que tá ali, que faz parte

do movimento, é que ele vive uma coisa no movimento, mas quando ele parte pra particularidade dele é diferente. Porque assim: a mulher de fulano, ou a mulher em si, que não precisa ser de fulano, né? Mas pode isso pode aquilo. Mas o que vejo: que a minha, de uma certa forma, é no cabresto, né? Mesmo que tenha aquela coisa do, é no entendimento, é na conversa. Porque tem isso também, né? O diálogo que dá uma camuflada que nós mulheres às vezes não percebe. Na minha opinião, assim, as coisa que eu vejo. Assim que dentro do movimento [*o homem pensa ou diz*]: as minhas colegas elas pode andar com os colegas, ela pode andar de moto, pode ir para onde for com o colega fazer os trabalhos que tem que fazer, ela pode ter autonomia dela, mas quando eu acho que parte pra casa de cada um, aí já não pode. A mulher do outro pode, mas a minha não pode. (NEUZA)

As mulheres hoje, a gente tá no movimento, trabalha a questão de gênero, e a gente percebe que as mulheres querem se libertar, participam, mas quando chegam em casa a realidade é outra, elas tão lá submissas ao marido, fazendo tudo que o marido quer, que filho quer, entende? Eu acho que ainda é muito distante disso, muito, muito. [...] Agora todo o trabalho que a gente fez, tanto na Igreja, como às vezes nos movimentos, nós temos culpa disso. [...] Assim porque muitas vezes a gente deixa o homem ocupar, deixa o homem ocupar e a gente não ocupa, e acha bom. E obedece. Acha é bom e obedece ainda, né? [...] Na própria agricultura familiar, nos trabalhos de geração de renda, nós temos muito mais mulheres envolvidas. Agora quando é pra ocupar os cargos são os homens que estão lá né?

Na luta da terra eu me sinto assim realizada, na terra que nós conquistamos. Mas temos muito problema, muitos problemas com o trabalho interno das áreas. Tanto de assentamento, como de fundo de pasto. E essas mulheres também são muito submissas nos assentamentos, pouca participação em tudo. Nos assentamentos ainda é pior, os homens que mais participam. [...] Primeiro tem o machismo dos homens ali, que tem aquele carrancismo: “fui criado assim, fui criado assado”, né? E depois as mulheres aceitam a submissão por conta de como foram criadas. Então demora muito. É tanto que, quando a gente vai pra lá trabalhar a questão de gênero, tem que ter cuidado. Teve uma época que a gente sofreu, os homens, os maridos dizendo que nós estávamos botando as mulheres, revoltando as mulheres contra eles. É muito difícil trabalhar questão de gêneros nas comunidades, nos assentamentos. [...] Muito machista, por questão de história mesmo né? Histórico dessa questão do patriarcalismo, do

pai mandar, do filho mais velho mandar, a mãe obedecer, a filha obedecer...
(GLÓRIA)

É um processo, assim, fruto da própria história de construção do homem e da mulher do campo entendeu? Eu acho que nesse momento começa, uma fragilidade feminina começa aparecer! Ela começa aparecer porque ela sempre esteve presente na história do sertanejo, do homem do campo né? A questão da mulher. A mulher, ela não toma iniciativa. A mulher, ela pode até cutucar o homem, a iniciativa pode até ser dela, mas ela cutuca o homem, e quem dá a palavra é o homem, e não ela, né? (NILDES)

NARRANDO E PENSANDO GÊNERO E EDUCAÇÃO

E eu como professora, inclusive como professora de matemática, inclusive da EFASE onde se dizia, onde se pregava na escola - na EFASE - que a gente tinha que fazer uma educação com pé no chão, o pé na realidade. Aí eu tentava formular problemas com a vida do campo, com o plantio do feijão, com o plantio do capim, da mandioca, criação de animais... E aí eu muitas vezes nem conseguia eu mesma, não tinha dados. E eu buscava os dados nos próprios alunos, pra eu criar os problemas, pra eles mesmos resolver o problema. Tipo assim: quantos litros de Feijão cabem numa tarefa de terra? E eu mesmo não sabia, e sou filha de agricultor. E eu ajudei meu pai a plantar feijão na roça. Mas eu mesma não sabia, e minhas alunas mulheres elas também não sabiam. Quem é que me dava essa resposta? Sempre um menino homem que me dava à resposta. Então eu ia percebendo que a mulher, ela participava do trabalho na roça, mas não como aquela que planejava e articulava, que administrava. Mas como aquela que, que age, que realiza a tarefa, não a que planeja, mas a que realiza tarefa. Ela pega o feijão vai plantar. O pai dela, os irmãos dela, sabem quantos litros de feijão tem que levar pra fechar aquela área, toda plantada. E ela vai plantar, mas ela não sabe quantos litros tem ali. Mas o irmão dela, às vezes mais novinho que ela, sabe quantos litros tem ali. O pai sabe, mas muitas vezes a mãe não sabe quantos litros tem ali, é como que não fosse de interesse dela. Isso é um processo histórico, né? Assim, de que a mulher é a que executa muitas vezes, mas não é a que planeja, né?

E aí eu vou compreender de que não é porque menina! O pensamento, o raciocínio feminino não é preparado para o cálculo, não é preparado para matemática, não é isso. É porque a menina tem uma formação histórica de

executora das atividades, onde o menino tá muito mais preparado para o planejamento, para organizar os seu espaço, né? Vamos por aqui, vamos pro norte, vamos pro sul, né? A menina é muito mais passiva nesse dia a dia, e isso vai se refletir. Então a menina é tão capaz quanto o menino de se desenvolver no raciocínio matemático, mas, uma questão cultural, histórica, faz com que ela demore mais a adquirir certas habilidades do que o menino. Porque muitas vezes o menino traz já de casa, não é dentro da própria matemática, nem da própria disciplina, não, é porque ele adquiriu num espaço diferente da própria escola, e aí ele tá na frente dela em algumas coisas. E eu acho que isso, precisa esforço da gente, pra gente vencer essa mentalidade. Fazer com que nossas meninas também planejem a questão familiar, planeje os gastos da família, planeje a sua vida, né? Sejam pensadoras da realidade, que elas dimensionem o espaço. Mas eram dificuldades também que eram superadas, eram dificuldades que eram superadas e eu tive várias alunas excelentes, ótimas. (NILDES)

A minha expectativa em relação à escola é que é ainda um espaço que deve melhorar. E que eu acho, na minha opinião, que nós mulheres deveria ter mais autonomia dentro, não só da Escola Família Agrícola de Monte Santo, dentro das escolas. Não é uma autonomia - é que às vezes a gente fala assim e o homem ouve - parece que a gente quer botar ele lá embaixo, mas não. Que quando a gente olha a escola está repleta de mulher, mas quando você vê autonomia não é tão assim grande. Você tá ali por tá. Ou você vai ali dar uma aula coisa e outra, mas isso é o papel de cada um de nós, né?

Então assim: nós estamos no espaço onde hoje tem mais mulheres estudando. Às vezes eu me preocupo qual é o papel - que aí já é uma questão nossa - o que a gente poderia fazer de diferente com a questão das mulheres que estão estudando? O que a gente poderia acrescentar dentro da escola, assim, fazer um diferencial, alguma coisa? Porque é jovens né? Quando a gente pensa só em impor as regras, de que não pode vestir a roupa, você não pode mostrar os seios, você não pode isso. E elas veem. Ah, mas o rapaz ele pode ficar de short da bola [*do futebol*] sem cueca! Pode ficar sem camisa, não sei o quê! Então são discussões que é interessante, mas que até nós mulheres precisamos amadurecer mais dentro das escolas. O que a gente pode levar de diferencial pra que as meninas comecem a pensar de uma forma de questionar como liberdade de um direito delas também? Mas não como uma questão de que: “eu preciso bater da mesma forma nele para que ele me ouça”. “Ah, você está vestindo isso e isso, e eu quero fazer isso”. Que é como se você tivesse brigando por questões

que só vai resolver ali, né? Eu falo dali: o quê que a gente pode levar pras meninas pra fazer uma reflexão da vida delas, e cada uma ir tomando o seu rumo?

A menina hoje de 13 anos ela tem uma liberdade que a gente não teve. Mas ela não sabe lidar com isso. Que é lidar com o corpo dela. Né? Que é lidar a forma do comportamento dela. Mas dependendo da forma que a gente se coloca, aí a gente já pode tá se colocando de uma forma como que está dizendo pra ela, que não é pra ela agir assim. O quê que ela pode levar daquilo como um fortalecimento? Quais são as ações que ela pode se defender? Uma menina de 13 anos - eu falo até pela minha filha. Ela tem 13 anos - mas você olha para ela, ela parece ter 16 anos. Ó o que eu falo pra ela? Que ela fala: "você fala disso e disso, mas você age diferente". Eu: não, eu quero que a minha filha ganhe maturidade. Ela não tem uma maturidade para se defender de um homem de 20 anos numa festa, que vai pegar no braço dela, ou, enfim. Ela é uma criança, só que no entendimento dela não, ela acha que é uma mulher. Eu falo pra ela que não é assim dessa forma. [...] Eu não acho que estou sendo contraditória porque eu tenho que entender. [...] Porque a gente briga por isso né? Briga para não ser julgada, a gente briga para não ser chamada de puta. Porque veste uma roupa curta, que isso não dá o direito o homem. A gente briga pra que o cara não lhe olhe como um pedaço de carne. Agora minha filha de 13 anos ela tem essa maturidade? É isso que eu me preocupo entendeu? E aí o que acontece? Mas elas confundem liberdade com igualdade, dessa forma. Porque temos de que ter liberdade, igualdade, mas temos de ter maturidade. E dependendo da idade ela não lhe da essa maturidade, porque você não vivenciou. E uma das coisas que acho que as escolas poderiam trabalhar era isso, fazer essa reflexão, teria que ver como fazer essa reflexão. Que não é fácil! E essa reflexão não seria só as escolas, mas as escolas junto com os pais. Porque não é fácil. E uma das coisas que eu me preocupo é isso.

Porque você não vai tá ali o tempo todo, e hoje a gente vê é isso, uma criança com 13 anos grávida, qual é a maturidade dela? Ela confunde! É isso que falo: a gente fala, mas confunde isso, né? Confunde essa questão. "Ah, porque eu tenho um corpão hoje, eu sou uma mulher!". Mas não tem a maturidade de assumir que você é uma mulher, que você está preparada pra fazer sexo cedo, né? Porque aí tem que ter todo um entendimento, porque tem isso também. E quando você vê não é uma outra criança [*menino da mesma idade*] que faz sexo com uma criança. É um adulto! Mas isso é real, né? É um adulto que tem a noção, mas ele vai lá e faz. E aí não vê qual é a estrutura que você vai mexer.

Aí as escolas, que é isso é uma coisa que é real, e é difícil de trabalhar. Aí as escola fica: “ah não, é culpa a família, porque não trabalha”. Realmente, mas a escola também o papel da educação é fazer isso. As orientações. E não é fácil, é claro que não é fácil, mas orientar sempre a questão, quando a gente fala do desenvolvimento e da maturidade, alguém vai conseguir pegar. Mas uma das coisas que eu me preocupo é isso hoje em dia, que é uma questão que gente tem que trabalhar bastante com os jovens. E não só com a menina, com o menino! Né? Também, porque às vezes tem isso também. A gente foca nisso [*Trabalhar apenas com as meninas*], e aí excluí. Mas não, também ele precisa trabalhar. Porque quando ele começa a vê, ele começa respeitar o espaço do outro, porque ele está em formação. É diferente da minha mãe, de mim que já tô com meu ideal aqui formado. Mas a gente também, de repente você pensa aquilo, mas pode passar alguma coisa e você diz: “pô, tava pensando errado!” E o jovem não, ele vai criando o ideal dele, ele vai vendo que tá certo daquela forma ali. Que é isso mesmo que ele vai fazer, vai ter a consequência, vai ter isso, vai ter aquilo. Mas é um conjunto, é um conjunto. Só você fazendo dentro da sua casa, e outra! Você ainda pode ter a família e a escola, e ainda tem uma sociedade que desconstrói, mas você tem dois pontos fortes aqui.

Eu acho que é isso que falta. Na escola pública a gente nunca vai ver isso, mas nas Escolas Família poderia trabalhar isso. Já que gente fala de Escola Família, que é família, que é isso - e a gente se doa mesmo, de verdade, né? [...] O papel maior que a gente quer é isso. E o papel maior que a gente tem é dentro das escolas. Quando eu vejo que você consegue fazer um diferencial com jovem, principalmente na Escola Família imagine aí? Uma comunidade de Monte Santo já faz a diferença, você tem que tá no Uauá, já faz outra diferença. Nem que ela não consiga levar pra todos, mas 2, 3 e aí vai, né? Acho que é isso, a gente tá precisando refazer nossos meios de luta novamente. (NEUZA)

NARRANDO O NASCER E CRESCER DA EFASE: DESAFIOS SOBRE A EDUCAÇÃO DESSE CAMPO

Agora quanto, e o que é diferente na escola, é essa integração que a escola faz com a comunidade, com os movimentos sociais, e a família, isso é uma riqueza muito grande, que para mim é a diferença. [...] No início essa integração era maior, era mais forte, a gente tinha um Regimento Interno na

escola né? E esse regimento eu acho que foi ficando de lado, porque antes a gente tinha mais, nós éramos, assim, mais rigorosos na escolha do aluno da Escola Família Agrícola. Tinha que ter critério: ser da zona rural, ser filho de agricultor, tinha que aceitar o regimento... Hoje não, a escola abriu muito para cidade, nós temos alunos de cidades hoje, alunos até que vai para lá só para obter os conhecimentos, que depois não vai levar nada para outros lugares... [...] Mudou, já tem mudado bastante a questão da escola nessa integração e tem mudado também no Regimento Interno, muito. E que eu acho que cresceu demais, que nossa ideia no início não era ter uma escola grande, era ter uma escola ali. [...] Era ter filhos de agricultores, formar filhos de agricultores, para que esses filhos de agricultores permanecessem em seus locais, levando aquilo que adquiriu na escola pra comunidade, e dali mesmo com os conhecimentos da escola, adquirir a sua sustentação, a sua sustentabilidade. Tanto deles como da família, e a gente acha que se perdeu. (GLÓRIA)

Eu achava interessante [*referindo-se a pedagogia da alternância*], né? Porque esse conhecimento que os alunos levavam, o plano de estudo, né? E era a maneira que a gente tinha de dar nossa opinião, né? Da comunidade tá interagindo com os alunos e eu achava interessante. [...] Eu acho que enfraqueceu [*a integração escola-comunidade*], né? Enfraqueceu pelo fato de que as pessoas hoje, elas estão mais individualistas, né? Já a participação já não é tanta como antes. Já não se envolve mais tão fácil, né? Hoje é a mais a família que tem aluno lá em si, mas a comunidade participa mais é menos. É que mudou muita coisa, porque no meu ver mudou, até mesmo pela superlotação que tem hoje, né? Tem muitos alunos, e eu acho que já entra, ela já não tá mais assim como - claro, até mesmo porque questão de mudança mesmo - porque antes só pegava os filhos mesmo de agricultores, né? E aí ela já passou dá brecha, a pegar outras pessoas, não que eu seja contra, né? Mas que tá muito... Mas eu concordo também com a mudança que teve, pelo fato de: tudo mudou, né? Até certo ponto, né? Mas acho que muitas coisas já se perderam. [...] E também eu acho que muitas coisas que foram conquistadas, né? Muitas, até mesmo conhecimento, e essa questão da terra que já teve, eu acho, eu penso assim eu, que as pessoas já não tem mais essa ansiedade que tinha antes, né? Essa ansiedade pela as mudanças... [...] E parece que a sociedade chegou assim num... Eu tava até comentando com a Glória, né? Meu Deus! Parece que tá todo mundo, tomaram uma injeção, um calmante [*risos*], que agora pode acontecer o que acontecer, no geral né? A sociedade adormeceu, tá dormente. (MARISTELA).

As Escolas Famílias Agrícolas diziam: nosso diferencial, no produto final, nosso alunado com relação aos da Agrotécnicas [16], é que as Agrotécnicas elas formavam técnicos agrícolas. E o nosso objetivo não é formar técnico agrícola, nosso objetivo é formar agricultores com técnica, com conhecimento, agricultores com conhecimentos técnicos, agricultores alfabetizados, bem letrados, com conhecimento, escolarizados. [...] Então esses meninos muito mais iam ser multiplicadores de uma agricultura diferente, de ideias de uma agricultura diferente, de preservação ambiental, disso, e daquilo, de fazer uma agricultura mais eficaz, mais planejada. Então nós tínhamos consciência que no primeiro momento, esses meninos talvez eles não fossem agricultores. Não voltassem pra ser agricultores, como nós tínhamos, por exemplo, no Espírito Santo já na década de 90, agricultores que já tinha o curso de Agronomia e voltava e ele mesmo tinha uma propriedade e ele mesmo conduzia essa propriedade. Eu acho que até hoje nós não temos, de um modo geral assim, muito isso, pela demanda ainda na região, dessa assistência técnica, entendeu? Da carência dos agricultores de ter essa orientação, né? Desse acompanhamento técnico. Então eu acho que é por isso que nós não temos um número grande desses meninos retornando e sendo agricultores na sua propriedade.

Eu acredito assim, que a escola, ela deu de um salto na qualidade da agricultura na região, ela deu um salto no desenvolvimento do campo na região. Eu vejo hoje jovens, eu acho que se não fosse a EFASE, a EFAI, outras EFAs aqui da região, que agora não é só uma né? Eu acho que a gente não teria tanto jovem engajado nos movimentos sociais, na luta agroecológica, na luta de preservação ambiental, na luta da terra. [...] Eu vejo uma juventude diferenciada, eu vejo uma juventude com qualidade na participação entendeu? Eu fico satisfeita, e eu acho que a EFASE, por exemplo, a ARESOL é uma instituição hoje que tem muita força muito grande na região hoje toda, não só Monte Santo, Cansanção e Itiúba, mas na região toda, inclusive Senhor do Bonfim, no Território do Piemonte Norte do Itapicuru. E eu tenho certeza que a força da ARESOL, ela tá nessa formação que a EFASE e que às escolas hoje também, a EFAI [17], dá para juventude do campo, entendeu? Eu vejo: a

[[16] Nildes se refere às escolas de educação profissional em agropecuária, as antigas Escolas Agrotécnicas Federais (EAFs), que se iniciaram na Bahia à partir do ano de 1969. Os municípios de Senhor do Bonfim, e Catu, próximas de Monte Santo, tiveram essas escolas, hoje transformadas em Institutos Federais de Ciência e Tecnologia (17).

[17] No ano de 2010 se iniciaram as atividades da Escola Família Agrícola de Itiúba (EFAI). Dentre as pessoas envolvidas no processo de formação da escola estão jovens egressos da EFASE.

ARESOL tá na mão de jovens. A ARESOL ela não é de velhos. A ARESOL é de gente jovem, mais jovens que eu, entendeu? Então eu vejo assim, eu vejo com muita esperança, e vejo muitas mudanças.

Eu sei que a EFASE passa por muitas dificuldades porque uma escola que cresceu muito. E cresceu, eu acho que pelas demandas que instiga ela a crescer! Ah interessante, o aluno da EFASE terminou o curso do ensino médio, sim o desejo desse menino de fazer um curso superior. E vem com graduação pra dentro da EFASE, que funciona dentro da EFASE, aí pelo PRONERA. Aí vem o curso técnico da EFASE também pelo PRONERA [18], que não é regular, que tem uma outra dinâmica para atender um público maior. [...] Nós temos aquele aluno que tem distorção série/idade muito maior, que às vezes já tem sua família, que não pode passar 15 dias na EFASE e 15 dias na família porque ele é provedor da família. Às vezes também ele vem de uma região bem mais longe: eu sei que já teve turma do PRONERA lá da EFASE, que veio de Sobradinho, que veio Curaçá, que veio de Juazeiro, que vieram de regiões muito mais distantes. Eu acho que já veio a turma também do oeste da Bahia, então não tinha condição dessa turma seguir na modalidade regular do curso técnico. E aí se pensa essa nova proposta do PRONERA, e a escola se adapta. E eu acho que a escola tem conseguido se adaptar, tem se reinventado entendeu? Acho interessante. Mas eu sei que esbarra nessa escola que cresce, que falta recurso humano, que falta pessoal, que o pessoal é muito técnico, e acarreta o pessoal que tá lá dentro. Que não dá conta da demanda do número de alunos das turmas que têm, os projetos que ali funcionam. Até porque o aluno Escola Família não é só dentro do espaço escolar, mas é também fora, e esse monitor tem que dar conta também de apoiar esse aluno fora da escola, e outra coisa é a questão financeira né? (NILDES)

Eu acho que a Escola Família Agrícola, ela tem o seu perfil, né? Na verdade, ela precisa, que a gente de qualquer forma, como se faz com a família, né? Já tá falando que uma Escola Família. Então a gente precisa manter mesmo ela, acreditando mesmo nessa escola e fazendo acontecer, entendeu? É nós, pai, é mãe, é tudo. É a família que faz com que essa escola, ela aconteça, como tá acontecendo há tantos anos. Agora o que a gente, o que eu espero, o que eu

[18] Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, criado em 16 de abril de 1998, por meio da Portaria Nº. 10/98 (18). Nildes se refere à oferta de cursos na modalidade técnico subsequente e tecnológico de ensino superior sediados e gestados na EFASE, através do PRONERA e Instituições de Ensino parceiras, como o Instituto Federal Baiano (Campus Serrinha) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

gostaria, é o governo reconhecer mais, entendeu? [...] Por isso que eu acho que ela sempre vai ser uma escola que nós vamos manter, porque ela também dá as condições. Da gente buscar meios de produzir melhor, entendeu? Que é a aquela coisa da gente aprender a trabalhar no campo, aquele ensino diferente que ajuda a gente produzir melhor, como produzir. E a gente vai produzindo melhor, e aí essa produção também ela reflete na escola, entendeu? Ela não tem como mudar se não for por aí, porque se não ela deixa de ser essa escola diferente. O governo é que precisa chegar pra perto pra nos ajudá. (**DONA ZEFA**)

Que nem sempre o Estado, ele responde a necessidade daquela escola, né? É uma escola que é pública, ela é pública no sentido assim, do que a gente pensa da escola. Ao nosso pensar particular, é uma escola que está a serviço das comunidades, do povo pobre, do popular, né? Das populações mais carentes, que ela não lucra em cima do aluno, ela não vende educação. Mas o Estado, no entanto, o Estado não responde, não assegura a sobrevivência dessa escola. E essa escola esbarra em burocracia, essa escola esbarra em coisas que são sérias, e que dificulta e eu percebo que quem tá na EFASE hoje são guerreiros. Muitas vezes trabalhar sem salário, sem saber o dia que vai receber o salário. Trabalhar num projeto que nem tem certeza que vai um dia fazer o repasse lá. Você tá no meio de uma formação com grupo de jovens e aí demora repasse vim, sim, mas e aí? Você vai passar dois anos desarticulado daquele grupo? [...] Eu tenho ficado sabendo que a escola tem garantido, mesmo sem os repasses, a escola tem feito o possível pra garantir que as etapas se cumpram, na medida do possível, que as turmas concluam. Então, assim, eu acho que as dificuldade são grandes, mas conquistas são muitas. (**NILDES**)

NARRANDO E COLHENDO FRUTOS: 21 ANOS DE EFASE

Eu, pra mim é um orgulho muito grande. No lugar que eu vou que tem um aluno da Escola Família Agrícola, esses meninos que saíram agora, do PRONERA, que são advogados [19], tudo, a gente tá fazendo uma integração com eles, pra ver se eles permanecem fazendo trabalho nos movimentos. A

[19] Glória se refere as educandas e educandos egressos da EFASE que cursaram e concluíram o Curso Superior em Direito através do PRONERA em diversas Universidades, à exemplo da Universidade Estadual de Feira de Santana do Estado da Bahia (UEFS) e Universidade Estadual da Bahia (UNEB).

gente tá fazendo reuniões: tem umas reuniões que a gente sugeriu, já temos alguns ajudando aqui na questão das áreas de Fundo de Pasto, na questão de assessoria aos vereadores do PT, e a gente está fazendo essa integração com eles pra gente não perder eles também, né? Então foi louvável tudo, tudo que sai dali da escola eu acho interessante, que vale a pena, valeu a pena. Até porque a gente atingiu jovens que nunca teriam essa oportunidade. Foi assim, os jovens mesmo que jamais iriam chegar ensino médio, ao curso técnico, muito menos a uma faculdade.

Desses jovens que a gente formou lá na Escola Família Agrícola, está formando, o da primeira turma e o da segunda turma, foi quem mais ficaram em seus locais: foi o Samuel, foi o Adilson, foi o Crispim. Bom eu louvo muito aqueles meninos, né? Que eles saíram da escola, botaram o olho ali no DNOCS [*Departamento Nacional de Obras Contrás as Secas*] [20] e disse: “aqui nós vamos fazer uma Escola Família Agrícola” e ali aconteceu. Né? Outra coisa também que foi interessante, foi o engajamento de alguns na luta pela terra, teve muitos alunos que se engajaram na luta da terra. (GLÓRIA)

Na minha concepção e em algumas avaliações que a gente faz, que tem também a questão que pra se permanecer no campo tem que ter água, né? E a nossa região é assim muita escassez de água, né? Então como o jovem vai se permanecer ali no campo, se pra produzir tem que ter água suficiente, né? E muitas vezes, antes a realidade não tinha nem pra uso, consumo, né? Assim, suficiente. Mas eu não posso trabalhar na roça. Eu acho que algo foi alcançado, assim objetivo de conhecimento mesmo. Alguns permaneceram justamente quando escola conseguiu envolver, né? Eles, em alguma atividade, porque depois que ele saiu dali conseguiu envolver os jovens. Mas aqueles jovens que a escola não conseguiu envolver com alguma oportunidade, né? De fazer algum trabalho, ele acabou saindo, porque não teve como segurar né? (MARISTELA)

Foi uma escolha importante e eu sou feliz! Por toda a conquista dentro dessa luta. Toda a perseguição, nós fomos muito perseguidos... Muito, muito, muito. A escola também no início perseguiram bastante, a escola era a guerrilha, uma escola de guerrilha. Difamavam bastante escola, mas tudo bem. Quem mostrou

[20] Glória se refere às áreas da estação localizada em Itiúba/BA, município vizinho a Monte santo. Parte do território foi ocupada por assentamentos de Reforma Agrária. No ano de 2010 se iniciaram as atividades da Escola Família Agrícola de Itiúba (EFAI).

que era diferente, foram os próprios alunos que saíram de lá, mostraram pra sociedade que lá era diferente. [...] É assim. Que os próprios alunos fizeram essa defesa. Mostraram que lá não era uma guerrilha, mas sim uma escola diferente, que faz diferente e dá certo. **(GLÓRIA)**

E na verdade no meu trabalho hoje, eu devo muito a EFASE. Aquilo que eu discuti, que eu refleti, que eu aprendi na EFASE. Aquilo que a EFASE me ensinou, e toda a formação que a gente teve como monitora me ensinou. E também o meu processo histórico! De vim de grupo de jovens, de vim de CEBs, de vim de uma família que sonha com um mundo diferente, então eu acredito que a educação transforma. E eu vejo meu aluno assim: meu aluno é pobre, o meu aluno é da classe menos favorecida, é a classe que todos os direitos são negados. Então um dos direitos que eles ainda consegue ter é a escola! Então o meu compromisso com a escola é muito grande! Porque tem aquele que consegue chegar, imagina se eu também falho? Então é assim: eu, a minha atuação faz parte da garantia de um dos direitos deles, e que é fundamental, né? Então eu faço parte da educação, eu faço parte de direitos deles, garantido. Eu faço parte de um direito que tem que ser garantido. Então o meu compromisso com a escola, ela tem seus princípios, seus valores, alicerçados em tudo aquilo que eu aprendi naquele período. **(NILDES)**

Eu mesmo sinceramente, dou o maior valor a essa escola, porque realmente botei meus fio e eu já tô com os neto. E dou valor porque realmente é uma escola que a gente precisava. E essa escola ela é importante porque é como eu falei: é uma escola que vem mesmo pra ensiná os filhos, educar os filho, para manter na sua terra. Essa é a importância. Diferente da outra né? E por isso que eu digo: eu dou valor a essa escola porque ele tem esse objetivo né? Do estudo, ele estuda a nossa realidade, e aí a gente começa a aprender muito, a se educar mais, tanto! Até mesmo na política. Porque essa escola ela vem mesmo pra ensinar e também abrir os olhos dos alunos, tanto que eu percebo assim, a diferença que tem dos alunos da Escola Família? Ele tem uma visão diferente. Social, em tudo por tudo, como família, como sociedade e eles têm uma visão melhor. **(DONA ZEFA)**

O PESSOAL É POLÍTICO: NARRATIVAS DE ESTRATÉGIAS E RESISTÊNCIAS COTIDIANAS DAS MULHERES

Hoje eu sou separada, já tem mais de 25 anos que eu já sou separada. Meu filho caçula já estudou na escola só com o meu apoio, como mãe. [...] Foi eu, foi eu e os meninos, porque eles mesmo era quem já ajudava na feira, era eles quem tirava o sisal... O dinheirinho que eles faziam já é quem botava as coisas dentro de casa. [...] Com sisal. Tudo com sisal. Aí por isso que ele [*o filho mais velho*] sentiu muita dificuldade e a dificuldade era grande mesmo, aí ele não concluiu. Aí ele foi para São Paulo, aí ele começou a me ajudar, ajudar na educação dos outros. Mas aí depois ficou os outros para concluir o ensino médio. (**DONA ZEFA**)

Eu viajava muito. Além de eu viajar muito, eu ainda trabalhava, trabalhava o dia todo e viajava, eu não tinha esse tempo voltado para família aqui, foi muito ruim. Hoje eu tenho, eu tentava conciliar, mas o tempo era pouco. Eu tinha os finais de semana pra ficar com meus filhos, deixava muito meus filhos na mão dos outros, botava uma pessoa pra cuidar. Aqui a vizinha que ajudava muito e hoje eles têm muito amor, o mais novo. [...] Então isso é uma parte, a gente se joga na luta, mas prejudica uma parte da família da gente. [...] Mas tamo indo, graças a Deus, tem as coisas deles, todos os dois têm as coisas deles. E mais na questão de sentimento cria muitos conflitos. Entre filho, marido. Hoje eu sei que eu perdi muita coisa com eles. Mas tudo bem. Mas eu me sinto feliz. (**GLÓRIA**)

Eu engravidei [...] aí fui morar com Glória [*avó paterna de seus filhos*]. Fui morar com ela, aí essa questão do trabalho. Esta questão do trabalho, quando eu iniciei eu tinha o apoio, né? Eles ficavam com o Ricardo, depois de 2 anos e meio veio Mariana. [...] Quando eu tava na casa de Glória eu não tinha terminado os estudos, então eu tinha minha irmã também que me ajudava, né? Meus estudos, até eu terminar minha faculdade. Eu agradeço muito ela. Ela ia ficar com os meninos para eu estudar e aí depois eu mudei pra casa da minha mãe e ela veio morar comigo. [...] Eu comecei a trabalhar, e foi a questão do trabalho e eu tive muita força dela. Pessoa que mais contribuiu, pra toda uma questão hoje que eu tenho, foi ela, foi minha irmã. Eu acho interessante que foi o objetivo dela, ela foi embora depois que eu terminei a faculdade, ela foi viver a vida dela, hoje ela tá

casada, tem um filhinho. Mas é uma coisa que eu vou levar pra sempre.
(NEUZA)

Eu vou para a docência na EFASE em [anos] 98, 99, 2000. 2001 eu tenho minha filha. E aí eu preciso, eu precisei me afastar um pouquinho, por causa da licença maternidade, então eu já volto no finalzinho de 2001 e então o meu período na EFASE, com sala de aula, ela ocorre no período de quatro anos, né? [...] Eu deixo de dar aula na EFASE em 2001. Em 2002, eu começo aqui em fevereiro, 2002, já sendo professora da Rede Pública Municipal de Senhor do Bonfim. E também eu já vou fazer faculdade em 2002 e vou. Mas também eu nunca abandonei, assim, nunca me distanciei dos movimentos sociais. O que eu me distanciei é porque meu trabalho não permitiu, estudo não permitiu, assim, mas no que eu posso tá próxima dos movimentos sociais, da escola, eu faço questão de tá, né? (NILDES)

Conclui o ensino médio, e os meus trabalhos antes disso, eu trabalhava em casa de família. Sempre, desde de criança eu sempre fui ativa em trabalho. Nunca gostei de esperar por ninguém. Isso sempre foi a minha vó que ensinou, a ser assim ativa. O negócio dela é que você não esperasse nada de ninguém, que você não ficasse pedindo nada a ninguém, que você tinha que tá buscando. Ela falava assim para mim: “tudo que você recebia fácil ia fácil”. E sempre foi assim. [...] Sou comprometida dentro da EFASE, de uma forma que às vezes alguém fala: “Ah, mas você parece que não tem família”. Porque quando eu pego um compromisso eu não tenho hora e nem tenho dia, eu assumo ele. E eu sou dessa forma em tudo que escolho.

A valorização que nós mulheres, o reconhecimento é muito pouco, né? Você trabalha, você é mãe, é esposa, tudo, mas o reconhecimento é muito pouco. Não só pela questão de quem está dentro da sua casa, mas de uma forma geral de quem está seu lado, você sempre é vista como uma empregada pra todos e não como uma pessoa que tá ali, que contribui, que faz a diferença. [...] Nós somos agredidas, verbalmente principalmente, o tempo todo, né? A gente sabe que somos. Às vezes somos levianas porque nos levamos na brincadeira - até por nós mesmo mulheres - nós somos agredidas verbalmente, e se você olhar o tempo todo. Você pode olhar em todos os espaços, os olhares, que quando você tem a sua forma de agir as pessoas começam a lhe olhar diferente, e pra mim já é uma agressão.

E uma das coisas que a gente sofre é isso, porque a gente briga por

igualdade, a gente briga que mulher tem que tá ali. Nós fazemos o mesmo papel do homem, não somos diferentes de trabalho, temos a mesma força e às vezes a própria mulher se trata como se ela não tivesse esse direito, né? Porque ela se acha no direito de semear o que uma sociedade machista faz. Às vezes por falta de entendimento e outras vezes porque não tem a coragem. Mas eu não mudo e vou sempre tá no meu discurso, é isso. Que nós temos, que sim, buscar a nossa liberdade, o nosso direito de estar nos espaços, o direito de falar quando a gente achar que devemos falar, e não ser calada pelas pessoas só porque elas se acham no direito de dizer que você não pode falar, e que você tá sendo isso, ou tá sendo aquilo. Se é o que você entende que é uma liberdade sua, você tem que buscar e fazer de tudo, né? E se colocar principalmente, mesmo com as dificuldades, mesmo que as pessoas tentem lhe derrubar, a gente que levantar, sacudir poeira e correr, correr atrás novamente. (NEUZA)

Eu aqui sou vista como o “bicho papão”. [...] Assim, inimiga de todo poder político, inimiga dessa classe aí, né? Porque primeiro foi a luta da terra né? Na luta da terra foi uma perseguição incrível. Verem a gente como cortadora de arame, como comunista, esses nomes todos né? É mulher, eu já levei o nome de mulher de Padre, mulher dessa, mulher daquela, desempregada, que não cuida dos filhos. É muito forte a discriminação aqui em relação a minha pessoa, eu fui ameaçada de morte várias vezes, já jogaram carro em cima de mim, eu não gosto nem de relatar muito essas perseguições num sabe? [...] É assim muito forte a discriminação, tantos homens que me deram, Ave Maria. Graças a Deus, eu agradeço a Deus todos os dias, de meus filhos, eles serem homens de bem. Imagine se se meus filhos tivessem seguido outros caminhos a culpa que não botavam em mim, né? A culpa que não botavam. Mas graças a Deus não, eles são homens de bem, trabalhadores. (GLÓRIA)

Eu sinto que as pessoas têm um grande respeito por mim, né? Eu sempre lidei com muita facilidade, assim de conversar com o pessoal, de envolver né? É tanto que hoje eu tô participando menos, e o pessoal fica me cobrando: “Ah! Se você não tá, não sei o quê, o que tá acontecendo”, né? E eu sinto, o trabalho na Igreja mesmo, desde essa época, né? Além da escola, na Igreja, por exemplo, quando tinha missa, eu tinha que ser: a pessoa que preparava os cantos, era a pessoa que cozinhava pro Padre, era a pessoa que limpava a Igreja, né? Daí, eu fui envolvendo sem perceber, daqui a pouco eu já estava rodeada de um monte de gente, que todo mundo fazia a sua tarefa, né? E aí graças a Deus eu sinto assim, que pra mim não foi tão... Aí depois, aí eu arrumava uma estratégia, né?

[...] Daí eu fui começando a envolver as pessoas, e hoje, hoje não, já há muito tempo, Maristela nem se preocupa com nada, porque chega lá já tá tudo pronto. Claro eu tenho meu papel, né? Não deixei de ter. Mas se envolveram assim, graças a Deus, tá envolvido, né? Então assim eu não senti, por ser mulher, eu não senti dificuldade. Acho que o contrário, eu senti que foi fácil envolver, homens, mulheres e crianças todo mundo acabou se envolvendo, né? **(MARISTELA)**

Bom, eu mesmo vejo assim, né? Que nós mulher, nós somos guerreira! Apesar de muitas não reconhecer e nem também querer lutar mesmo pelos seus direitos, né? Em defesa da mulher. Porque, mas de dizer que a mulher é guerreira, é! Porque você vê que em todos os espaços, em todos os momentos. Vamos supor, quando se fala de comunidade: a participação é das mulher! E a mulher mesmo ela sem reconhecer mesmo, a gente já tem, isso é uma coisa já dada por Deus. E tem vezes que eu fico pensando assim: não foi à toa que Maria foi a mãe de Jesus, merecedora de ser a mãe de Jesus. E você vê que a mulher de todo jeito a mulher é guerreira por quê? Não só hoje, porque na sociedade falta ela querer ocupar né? Mas em casa, na comunidade, na Igreja, nesses espaço aí é a mulher que tá na frente. **(DONA ZEFA)**

A questão de gênero, ela se faz necessário em todos os momentos, né? Eu acho que não se faz ainda necessário, inclusive de formação. [...] Às vezes dá uma cutucada, né? Às vezes, essa conformidade que tá na cultura, então eu acho que ela tem que ser cutucada! A mulher participa, e eu percebo que muitas mulheres participam. Mas na hora que vai o nome não é o dela, ela fica por trás daquela historinha que por de trás de uma grande homem, tem uma grande mulher, então muitas vezes essas mulheres, essas meninas fortes, que tão, que participam numa assembleia com muita força, que dão ideias, que dão opiniões, na hora da tomada de uma comissão, de encabeçar algumas coisas, muitas vezes elas não vão de frente, né? [...] Então eu acho que é necessário, que a gente o tempo todo esteja cutucando isso, né? Eu acho que é papel da mulherada! Da mulherada tá fazendo isso, né? Porque eu acho que é uma coisa a ser superada. Eu acho que é inadmissível que a gente continue nessa posição enquanto mulher, nessa posição sem a voz !!!!! “Ah não, tem a que tem a que tem a voz!” Mas não assume o comando, né?

Eu acho que é uma necessidade que a gente rompa essas barreiras, né? E os movimentos sociais, eles tem que tá antenados com isso. Quando eu participo

de algum dos movimentos, quando eu pra alguma assembléia, eu cutuco: “Bora mulherada, bora. Bora! Cadê a mulherada aí? Vamos, vamos, vamos!”, né? Porque também não é uma coisa brusca, essa mudança não vai vim de forma brusca, né? Essa mudança é um processo.(**NILDES**)

E nossa briga, apesar das pessoas não vê - as pessoas não - a sociedade não vê, a nossa briga, nós mulheres, brigamos pelo um global, por tudo. Quando a gente fala de igualdade a gente não está falando só da gente ser incluída, a gente tá falando de estar em tudo pra melhorar. Né? E é o que a gente não vê. Até o discurso da gente mesmo, é que parece a gente só quer que nossos direitos sejam atendidos, sendo a briga é justamente para fazer a melhoria, né? Pra que tudo isso, toda a nossa visão seja atendida e pra que todos consigam fazer a mesma coisa. E às vezes não, às vezes a gente pensa: “ela só quer isso ou aquilo, quer que seja isso, quer que seja aquilo pra ter o espaço. Porque nós não briga só por nós mulheres, nós briga pra ter o espaço geral, pra todos.(**NEUZA**)

SOBRE A LUTA DA JUVENTUDE FEMININA...

ROBÉRIA DOS SANTOS ATAÍDES

Somos jovens aprendizes, com sede de lutar e sem medo derrubar, essa merda de patriarcado que tenta nos limitar e não para de nos matar.

Encontramos na EFASE combustível pra caminhada tendo como companhia, várias minas empoderadas.

MULHERES de garra, donas do tom das suas palavras.

Nossa raiz é resistência, mostramos pro mundo a nossa essência e entre choros e gemidos, gritos escondidos, não perdemos o sorriso e a vontade de continuar.

Diante de tanto egoísmo não vamos silenciar, vamos juntas ocupar e a revolução organizar. E não adianta tentar nos parar, vocês não vão conseguir, **JUNTAS** somos mais fortes e nunca vão nos impedir.

SOMOS O SONHO, DAS NOSSAS ANCESTRAIS, que durante tanto tempo foram luta.

E hoje?

Isso não muda.





POSFÁCIO

Depois de apreender lembranças e percepções tão marcantes, afloradas pelas narradoras sobre a história da Escola família Agrícola do Sertão, o gênero, a educação e também as trajetórias individuais e coletivas de suas ações, me propus aqui a desenhar alguns caminhos com breves considerações, a cerca de elementos, que a meu ver, são emergentes. E isso se dá por dois motivos.

Primeiro por acreditar no potencial da experiência que essa escola representa para a Educação do Campo e para o campo brasileiro e que deve ser devidamente evidenciada e demarcada. Não como um processo estanque, mas um projeto que se faz e refaz ininterruptamente, a partir da reflexão de sua própria prática.

E é pensando nessa reflexão que chego ao segundo motivo: considerar que estas narrativas nos dão algumas pistas sobre aspectos a serem mais profundamente discutidos, absorvidos e transformados pela coletividade compõe a escola, no que se refere à luta das mulheres. Creio que provocando feixes de luz em experiências como a dessas mulheres, suas contribuições, desafios, e sua presença no mundo, que se tem um processo construtor da emancipação humana (19).

Assim, começo destacando o quão significativo é o protagonismo feminino para a articulação das comunidades e o acontecer da EFASE antes, durante e depois de sua fundação. Na animação das comunidades, na docência, na articulação técnica e política, nas associações e movimentos sociais: elas estiveram e ainda estão presentes realizando trabalhos excepcionais. No cotidiano delas, em suas práticas que afirmam a vida, produzem elas mesmas e suas comunidades, e de dentro resistem criando estratégias (20).

O sonho por uma educação inclusiva e contextualizada foi parte do caminho delas por diferentes razões: a preocupação com o campo e com as pessoas que nele vivem, com a juventude (muitas vezes filhos e filhas) sem oportunidade de vida digna em seu próprio lugar. Por se perceberem privadas de seus direitos fundamentais, e por reconhecerem a fé e a força que possuem para transformar a realidade. Esses são alguns estímulos para que elas sejam parte essencial dos coletivos de luta.

Através das CEBs acaloraram e envolveram as pessoas da comunidade

enquanto sujeitos (as) da própria história, nos trabalhos pastorais que possibilitaram reflexões sobre a realidade social e ações de mudança. A Igreja católica, sob a perspectiva da Teologia da Libertação, desenvolveu um discurso e uma prática progressistas, e ainda que na elaboração do discurso teológico prevaleçam os homens, na realização da proposta da formação de comunidades religiosas politicamente comprometidas com os ideais de justiça social, o lugar das mulheres sempre foi proeminente (21).

Contudo, muito raramente, as pesquisas oriundas do interior da mesma Igreja, e os textos teológicos, incorporaram esse fato aos estudos dessas comunidades. Foram pesquisadoras feministas ou aquelas que tomaram as mulheres das CEBs como objeto de suas pesquisas que interrogaram os efeitos sobre a vida da população feminina das comunidades eclesiais de base. Estas pesquisadoras indicam que a afirmação dos direitos sociais enquanto parte inalienável da realização da justiça “querida por Deus” levou uma parcela significativa dessas mulheres a reivindicar também direitos relativos a questões até então tratadas como de âmbito individual e privado (21).

Aprecia-me salientar o trabalho que as camponesas, muitas delas mães, tiveram e ainda tem nas mobilizações para arrecadação de alimentos para a escola, junto às comunidades. Sabemos que na sociedade, em geral, as mulheres são historicamente incumbidas pela aquisição e preparação dos alimentos para a família. No espaço rural é também parte de suas responsabilidades a produção direta da comida, por meio das hortas, pequenos animais, e beneficiamento de produtos alimentícios (22). Ainda que não visibilizadas e reconhecidas – muito por conta da lógica mercadológica – este trabalho é imprescindível para a manutenção da vida, através do conjunto de atividades que são salutares a uma concepção ampliada de economia doméstica, que vai além das portas e paredes de suas próprias casas, auxiliando outros núcleos em seus entornos, familiares ou não.

São também as principais envolvidas com as questões do bem-estar e de processos educacionais em geral. Socialmente, nas áreas em que se lida com o cuidado das pessoas e com a preparação para a vida, como na saúde, educação e serviço social, a ampla maioria das trabalhadoras são mulheres. Esta condição está profundamente ligada à identidade feminina, construída socialmente e permanentemente reforçada pelos estereótipos de gênero (22).

Reconhecer, portanto, a sua experiência nesse campo deve ser acompanhada da discussão da desconstrução da divisão sexual do trabalho, e da necessária valorização da participação social e política das mulheres. Essa

discussão poderia evitar a prévia definição de lugares sociais para as mulheres. Sobre esse aspecto, uma questão a ser colocada, portanto, é: como conceber as atividades da reprodução da vida como sendo tarefas de toda a sociedade, importantes em qualquer proposta política de transformação social, sem que se reforce a tão pesada e seletiva responsabilização feminina? (22)

Não se pode deixar de destacar como as ações voltadas a educação popular no território contaram com a presença maciça das mulheres. E na ação docente, como monitoras e professoras, desde a fundação da escola. Tem se discutido cada vez mais o lugar da educação e da escola quando pensamos o gênero, em como esta pode reforçar ou desconstruir as diferenças e desigualdade entre homens e mulheres. Para isso, é necessário demarcar as instituições de ensino como territórios atravessados pelo gênero, e que, principalmente, o produzem e reproduzem, através das condutas, normas, currículos, conhecimentos, enredados nos processos formativos.

A própria feminização do magistério foi um fato ocorrido pela intenção e incentivo de que as relações e práticas escolares deviam se aproximar a ação das mulheres no lar, no cuidado com as crianças e jovens. Novamente, observamos operar uma lógica que reafirma um estereótipo feminino, para funções pré-definidas e determinísticas. A docência passa a ser uma tarefa ajustada as mulheres, ainda que o universo do conhecimento seja uma construção marcadamente masculina, atravessado pela ótica dos homens que estiveram historicamente privilegiados no campo da ciência (23).

A não aptidão das mulheres para o raciocínio lógico e estratégico foi, e ainda é, considerada como algo biologicamente constitutivo, uma “natureza” feminina. Dadas como “seres emocionais”, foram excluídas das atividades relacionadas ao planejamento e tomada de decisões, relegando disposições apropriadas a elas, mais ligadas as tarefas de execução/operação. E mesmo assim, como é o caso de muitas mulheres camponesas e agricultoras, esse trabalho é encarado como “ajuda”. Assim, meditar sobre essas questões, é dar passos para contribuir com a atuação da escola na superação desses “lugares” - que afetam não só as mulheres, mas também aos homens, ao reiterar masculinidades hegemônicas - passando a entender como ela produz e reproduz esses padrões sociais.

Tais aspectos me evocam os relatos das autoras, de que mesmo estando presentes na ação docente, associações e movimentos sociais, não há equidade na ocupação de cargos prioritários e de maior relevância social, política ou por vezes financeira. Elas justificam isso como uma construção social e histórica

impregnada pelo patriarcado, machismo e sexismo, que é também muito arraigada na realidade do território.

Concordo com elas que é preciso analisar como a cultura camponesa e os modos de vida dos (as) camponeses (as) permanentemente reconstrói a supremacia do homem na hierarquia familiar e nas representações no âmbito público, e na divisão do trabalho que em geral sobrecarrega as mulheres, ao passo que esta emprega sua força de trabalho no espaço produtivo e reprodutivo. É importante refrisar que nesse contexto a relevância dos seus afazeres e a dignidade do seu ser não é devidamente reconhecida. E que, sobretudo, estão expostas as muitas manifestações de violência e de sociabilidade restringida, levando a um sentimento de obediência e de inferioridades física e subjetiva, e à sua menor participação tanto na gerência do trabalho e dos negócios, quanto na repartição dos benefícios dos resultados econômicos destes (24).

Em alguns momentos das narrativas, parte das autoras expressaram a ideia de que a superação destes lugares conformados para as mulheres é de responsabilidade delas; de que se não estão ocupando funções de comando ou cargos superiores é porque se resguardaram (intencionalmente ou por acomodamento) em posições de “retaguarda”. Evidentemente as autoras sabem, e eu concordo, que o poder, o reconhecimento e a visibilização não serão concedidos pelos homens: é indispensável à mobilização do coletivo feminino (resguardando aqui a heterogeneidade desse grupo e as particularidades de suas pautas de luta) para ultrapassar as diferenças. Doutro modo, penso que as relações de gênero são exercícios de poder entre os homens e mulheres, necessitando de ambos para superar a dominação masculina.

Aqui, compartilho um questionamento que a mim parece significativo: como o coletivo (escola, comunidades, associações e movimentos sociais) tem contribuído na reiteração dessa posição atribuída as mulheres? Torna-se relevante sublinhar que a discriminação histórica, subjugação e exploração das mulheres como conjunto subalterno, cruza de uma forma percebida como “natural” às formas de dominação, terminando naturalizada mesmo dentro de movimentos e pensamentos emancipatórios. Ressaltando que enquanto os discursos de legitimação da desigualdade de classe ou raça são muitas vezes rapidamente percebidos, os discursos de legitimação da desigualdade entre sexos ainda passam, geralmente despercebidos e continuam ativos (19).

Frequentemente homens que abraçam e desejam fortalecer o processo de empoderamento e emancipação feminina tem se perguntado “qual é o seu lugar

nessa luta?” Esse debate é por vezes polêmico por sua natureza complexa, e por não nos deixar uma “fórmula” pronta. Entretanto, arrisco dizer que é necessário, para além da escuta sensível e empatia, um vigoroso esforço em ampliar diálogos e ações para desconstruir o gênero. E principalmente que os homens estejam decididamente prontos a DEIXAR SEUS PRIVILÉGIOS E ANDROCENTRISMOS, abrindo caminhos para relações equitativas entre os sexos.

Passo agora a ponderar a importância dos saberes das mulheres que provocam formas de resistência que possibilitam o fazer político delas e do aprendizado que emana de suas conquistas, mas também de suas dores. O envolvimento delas nas frentes de luta provocam julgamentos sociais diversos: são moralmente assediadas, lidam com conflitos familiares e são questionadas em relação à maternidade, vivenciando a culpabilização constante sobre os processos ligados a ela.

O regime de vigilância e regulação de certos modos de viver e sentir a maternidade incidem na quase exclusiva responsabilização da mãe pelo bem-estar das crianças, no que tange aos aspectos como cuidado, criação, e educação dos filhos e filhas, destacando que a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho não as isentou, tampouco reduziu a sua jornada com os afazeres domésticos (25). No caso de algumas narradoras, foi o apoio mútuo no interior da coletividade de mulheres (mães, irmãs, sogras, amigas, etc.) que possibilitaram e fortaleceram processos geradores de empoderamento destas, como autonomia financeira por meio do trabalho e estudos. Nesse sentido, cresce cada vez mais a interrogativa de como tornar o cuidado de nossas crianças como sendo uma responsabilidade comunitária, propiciando às mulheres-mães, maternidades ativas e políticas.

Caminho para a conclusão deste posfácio, com a certeza de ter discutido apenas parte das reflexões que emergiram das narrativas. E nesse momento, penso nos múltiplos desafios da EFASE, uma escola realmente diferente, que constrói uma Educação do Campo contextualizada, que busca atender as demandas de seu espaço.

As mulheres inscreveram em seus relatos as dificuldades que a escola enfrenta com o descaso do Estado em relação às EFA's [21], fator complicante

[21] Para entender mais, recomendo a leitura do texto de Gilmar dos Santos Andrade, Jailton dos Santos e Jardel Luis Felix intitulado “O descaso do governo do Estado com as Escolas Famílias Agrícolas na Bahia”, 2018.

para a sustentabilidade financeira da EFASE, dificultando de sobremaneira o atendimento de muitas necessidades, indispensáveis à prática docente. Mas que também interfere muito na efetividade da pedagogia da alternância, principalmente pela sobrecarga de atividades para uma equipe de profissionais reduzida e precariamente assistida em suas condições de trabalho.

A relação escola-comunidade enfrenta desafios diversos, provocando nas articulações e redes das Escolas Famílias Agrícolas, o repensar constante de suas ações para a criação de estratégias dos mesmos, fortalecendo meios de luta e pressão popular sob o Estado. Nesse ínterim a EFASE se desdobra e se reinventa para tentar garantir o direito fundamental da educação para a juventude camponesa. A convivência com o semiárido é enfocada como vital à permanência destes (as) jovens no campo, e é inegável, que em meio a avanços e retrocessos, a pedagogia da alternância praticada pelas EFA's tem contribuído nesse processo de oportunizar a permanência da juventude através da construção progressiva de conhecimentos sobre como manejar o ambiente em que estão inseridos (as).

A EFASE se sobressai em seu exercício educativo por se amparar nos princípios e conhecimentos da Educação do Campo e da Agroecologia, como formas de enfrentamento contra as desigualdades sociais, e relações depredatórias contra a natureza, levando com essas bandeiras o intuito enfático de ajudar a construir outro projeto societário que subverta problemas agrários, políticos, socioculturais e econômicos impostos pelo capitalismo e colonialismo que produz e reproduz a exclusão dos (as) diversos (as) sujeitos (as) camponeses (as).

Embasada por essas duas concepções, torna-se imperativo levar a intencionalidade educativa na direção de novos padrões de relações sociais, com novas formas de produção e outros valores e olhares, que contraponham as contradições envolvidas nesses processos, incluindo as relações de gênero. Assim, internalizando que essa construção é histórica e se faz incessantemente, a imbricação em problematizar currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, processos de avaliação, são prementes para se desconstruir as diferenças de gênero, sexualidade, etnia e classe (23). Tornando cada dia mais a Escola Família Agrícola do Sertão não somente uma escola diferente, mas uma escola que pensa as diferenças, e age no sentido de reforçar as pluralidades dos (as) sujeitos (as), e enfim, a diversidade.

Fortalecer ações para organização estudantil, como coletivos feministas e LGBTQI+, promover espaços de formação de forma contínua para toda

comunidade escolar (incluindo pais, mães e responsáveis), ampliar os debates em outros espaços (comunidades, entidades, movimentos sociais) e estabelecer redes de articulação para luta e formulação de ações e políticas para superar essas desigualdades, são algumas estratégias que acredito poder contribuir com a realidade do coletivo que envolve a EFASE, “refazendo os meios de luta”, como disse sabiamente uma das narradoras dessa obra.

Finalizo esse exercício com a consciência da dificuldade de se observar, discutir, agir, com o intuito de provocar, possivelmente, significativas mudanças sobre essa realidade e seus desafios diversos.

Contudo, me sinto feliz em ajudar a desabrochar o compartilhar dessas vivências femininas, suas lutas e seus olhares. Os registros - a contação dessas trajetórias - recriam estratégias afirmativas que tecem, com os fios políticos do reconhecimento, as experiências e saberes dessas mulheres do campo, que persistem na mobilização popular deste território (26). Creio que as memórias afloradas em nossos encontros e aqui registradas, integram experiências singulares - individuais e coletivas - cultivadas com energia e resistência.



Ao centro, de blusa listrada, Ivone Oliveira da Costa Souza, uma das primeiras monitoras da EFASE. A foto registra a visita à Escola Família Agrícola de Rio Novo (ES) durante a formação para monitores (as), do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), 1995. Foto: Veronilde Oliveira da Costa.



Veronildes Oliveira da Costa (Nildes), uma das narradoras, no momento de conclusão da formação para monitores (as), do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), 1996. Foto: Veronilde Oliveira da Costa.



Registro do encontro semanal que reunia representantes das comunidades que faziam o trabalho de base para a criação da EFASE, 1997. Foto: Veronilde Oliveira da Costa.



Assembleia de fundação da AREFASE, 1997. Foto: Veronilde Oliveira da Costa.



Assembleia de fundação da AREFASE. Ao centro da foto, de pé e óculos pendurados, podemos ver Dona Zefa, uma das narradoras, 1997. Foto: Veronilde Oliveira da Costa.



Celebração de inauguração da EFASE, na comunidade da Lagoa do Saco, 1998. Foto: Veronilde Oliveira da Costa.



Celebração de inauguração da EFASE, na comunidade da Lagoa do Saco, 1998. Foto: Veronilde Oliveira da Costa.



Celebração de inauguração da EFASE, na comunidade da Lagoa do Saco, 1998. Na primeira fileira, atrás do menino Marcinho, está de pé a narradora Maristela, de camisa branca. Foto: Veronilde Oliveira da Costa.



Mutirão para o preparo da área para a construção da sede da EFASE na comunidade Lagoa do Pimentel. Foto: Veronilde Oliveira da Costa.



A sede da EFASE na comunidade Lagoa do Pimentel, em construção, no fim dos anos 90. Foto: Samuel de Andrade Reis.



Imagem aérea da sede da EFASE, por volta de 2004. Foto: Samuel de Andrade Reis.



Registro do cotidiano de uma das primeiras equipes de monitores (as) da EFASE. Monitores (as) Angelita, Sebastião e Simone. Os educandos egressos Evaristo e Samuel e a cozinheira Márcia. Foto: Samuel de Andrade Reis.



Momento de celebração em torno do Umbuzeiro sagrado, 2004. Foto: Samuel de Andrade Reis.



Atividade prática de horticultura com educandos (as) das primeiras turmas da EFASE, 2005. Foto: Samuel de Andrade Reis.



Monitora Nildes com a primeira turma da EFASE em aula de campo sobre o reconhecimento das plantas da caatinga, com a contribuição do Sr. Nininho, 1999. Foto: Ivone Oliveira da Costa Souza.



Registro do I Seminário “Mulheres construindo um futuro melhor na liberdade do seu lar”, realizado pela ACOTERRA na sede da ARESOL, com a parceria da Fundação Avon, 2016. Foto: Neuza de Jesus Santos Nascimento.



Narradora Glória, em companhia de Luiz Carlos e a monitora Érica (filha da narradora Maristela) na 30ª Romaria de Canudos, 2018. Foto: Maria da Glória Cardoso do Nascimento..



Reunidos com a Deputada Estadual, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Fátima Nunes, para tratar de assuntos da EFASE. Da direita para a esquerda: a narradora Neuza, Luiz, Samuel, Fátima e Nelson, 2019. Foto: Neuza de Jesus Santos Nascimento.

AS JARDINEIRAS

Esta parte é dedicada a falar sobre as jardineiras, uma analogia que uso para caracterizar as mulheres que nutriram, com seus talentos e contribuições, a criação desse livro. As narradoras foram remetidas às flores – não por salvaguardar alguma conotação de fragilidade ligada à fraqueza – mas sim pela abundância de sabedoria, vitalidade, estratégia, força e muita beleza que carregam.

O cultivar, algo tão caro e belo às pessoas que buscam criar e somar vida em suas múltiplas possibilidades, foi um exercício dessas mulheres – manejando, adubando, regando e recheando ainda mais de riquezas – as narrativas a floradas.

Mas, quem são elas? Aqui faço uma breve apresentação na ordem em que estão colocadas suas inestimadas contribuições.

Elisandra Simões Ribeiro é quem maravilhosamente desenhou a capa desta obra. Além de grande artista solidária é também Técnica Agropecuária egressa da EFASE. E braço forte na luta das comunidades tradicionais de Fundo de Pasto.

Thaís Franca Silveira escreveu tão gentilmente a orelha, apresentando a mim e a proposta do trabalho. É amiga-irmã de longa data, e assim como eu, mineira e agroecóloga.

O prefácio conta a presença marcante da amiga Edlange de Jesus Andrade. Essa guerreira é uma das caçulinhas de uma família maravilhosa que muito estimo. Formou-se na EFASE e hoje é advogada.

Camila de Moraes Pereira Brito, a apresentadora do livro, é, além de formidável companheira de luta dentro do ativismo e pesquisa feminista, também egressa da EFASE e advogada.

Ivanessa de Souza Brito, a nossa querida Ivi, é psicóloga. Esteve como monitora da EFASE por dois anos e meio, onde contribuiu muito nas discussões de gênero e diversidade. Dona de uma enorme sensibilidade nos emociona com suas poesias e fotografias.

Por Patrícia Pereira dos Santos tenho um grande carinho. Tive a oportunidade de trocar conhecimentos com ela no período em que estive como educadora da Escola Família Agrícola de Itiúba, local em que esta cursa o Ensino Médio e Técnico em Agropecuária. Essa jovem tão amável é a

ilustradora da sistematização “Caminho do Tempo”.

Clécia da Silva Oliveira (Keu Silva) minha querida amiga, nos encanta com seu potente Cordel. Formanda da Graduação de Tecnologia em Agroecologia (UFRB) que teve a EFASE como sede. Além de seu protagonismo em diversas lutas é escritora no projeto ALMA CAMPONESA, encontrando na arte escrita mais uma forma de mostrar um pouco do cotidiano e as lutas do povo do campo, das mulheres, das juventudes e do povo negro, buscando potencializar e enfatizar o orgulho no seu lugar.

A força da poesia de Vanessa Pedreira dos Santos é outra preciosa contribuição. Essa jovem tem um longo percurso de EFAs. Parte de seus estudos foi na Escola Família Agrícola de Valente, e hoje cursa o Ensino Médio e Técnico em Agropecuária na EFASE.

Robéria Santos de Ataídes fecha com sua poesia de grande força e beleza as contribuições artísticas dessa obra, expressando a luta juventude. Ela, que já foi também estudante da Escola Família Agrícola de Itiúba, hoje cursa o Ensino Médio e Técnico em Agropecuária na EFASE.

A todas essas brilhantes mulheres meus mais profundos agradecimentos, pela construção ombro a ombro, de forma solidária e coletiva.

AGRADECIMENTOS



Inicialmente agradeço as forças do Universo que inspiram e provocam movimentos, me abrindo essas portas de estar na Bahia, e conhecer uma nova realidade brasileira e pessoas INCRÍVEIS (!): que sonham e lutam para um mundo melhor.

Muito amor e muita gratidão a minha Família, principalmente a Mamãe, Papai e Mana Ká. O apoio e amor incondicional de vocês é base forte que esteia minha vida. Agradeço também a Thaís Franca e Kenia Ottoni, pela verdadeira irmandade.

Reconheço e agradeço também as pessoas que me ajudaram no meu trilhar até a EFASE, e as que, após a chegada, possibilitaram que este livro exista. Logo,

Gratidão ao acolhimento do Prof. Erasto Viana (principal incentivador para que eu tentasse o Mestrado Profissional em Educação do Campo), Prof (a). Carla Marques, Rair Matos e Aline Martins. Foram meus primeiros amigos aqui na Bahia.

Agradeço Gabriel Troilo que me recebeu em Monte Santo, e me ajudou a chegar até a EFASE, me apoiando nesse e em outros processos.

Muita grata a Joaquim Neto pelo companheirismo e por compartilhar comigo não só as alegrias que tive com o mestrado e a pesquisa, mas também as angústias e as dúvidas. Grata pela escuta paciente, pelas numerosas e maravilhosas sugestões, e por colaborar com as coisas práticas do cotidiano. Por tornar os momentos difíceis mais leves, e os momentos alegres inesquecíveis.

Agradeço a Prof (a). Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi, adorável e poderosa Kiki, que para além da competente orientação, tornou-se uma grande amiga. Grata pela confiança que me possibilitou muita autonomia na pesquisa e na construção do produto. E também por humanizar tanto essa construção, muitas vezes angustiante, com seu acolhimento amoroso.

Gratidão às grandiosas, potentes e arretadas mulheres que aceitaram comigo fazer essa pesquisa. Neuza, Glória, Dona Zefa, Maristela e Nildes. Vocês foram de uma GENEROSIDADE incrível. Esse caminho com vocês certamente marcou-me para toda vida. Agradeço a inspiração e aprendizado que as experiências de vocês me provocaram.

Agradeço enormemente a Camila, Edlange, Elisandra, Ivanessa, Keu, Patrícia, Robéria, Thaís e Vanessa, pela amizade e por aceitarem participar da construção deste livro, tornando-o muito mais belo, principalmente por seu

aspecto coletivo. Reconheço no apoio de vocês a arraigada crença de que a nossa luta é feita de mãos dadas e olhos nos olhos: mulheres se apoiando para que a mudança no mundo se torne possível.

As queridas Professoras Priscila Gomes Dornelles e Lívia Froes pelas preciosas contribuições realizadas de forma tão gentil, compartilhando olhares e reflexões que, de fato, qualificaram este trabalho.

Agradeço a Ivanessa Brito, Ivone Oliveira, Joaquim Neto, Dona Zefa, Glória, Maristela, Neuza, Samuel de Andrade e Nildes por colorirem essas memórias cedendo registros fotográficos magníficos.

Finalmente agradeço a minha Família baiana: Joaquim Neto e família; Danilo Rodrigues, Carla Andrade (amiga que muito amo e que torna minha vida aqui muito mais linda) e a toda a sua família. Obrigada por todo cuidado e apoio.

E claro, Sisal, Caroá, Lulu, PB, Brow e Guatti: amores ronronantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- (1) ANDRADE, Gilmar dos Santos. Escola Família Agrícola do Sertão: Experiência da Relação Escola-Família/Comunidade. In: Anais do II Seminário de Educação do Campo do Recôncavo e Vale do Jiquiriçá, III Encontro de Educação do Campo de Amargosa, 2012.
- (2) TAFURI, Diogo Marques; FAZIO, Denizart Busto de. O crédito como acessório da resistência humana no sertão da Bahia: uma abordagem multidimensional dos desafios do trabalho da Aresol em Monte Santo. In: LEITE, Ana Carolina Gonçalves; FAZIO, Denizart Busto de; TAFURI, Diogo Marques; CAMARGO, Silvia Soares de. (orgs.). Experiências de finanças solidárias no Brasil: crédito e financeirização da luta pela reprodução social. São Paulo: Nesol/USP, 2016.
- (3) FERNANDES, Silva Regina Alves. Diferentes olhares, diferentes pertencas: Teologia da Libertação e MRCC. Revista de Estudos da Religião. Num. 3, 2001.
- (4) BETTO, Frei. Que é Comunidade Eclesial de Base. São Paulo: Brasiliense. 1979.
- (5) CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Comissão Pastoral da Terra. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comissao-pastoral-da-terra-cpt>>. Acesso em: 12 de Jan. 2019.
- (6) CAVALCANTE, Ludmila Oliveira Holanda. A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO SERTÃO: entre os percursos sociais, trajetórias pessoais e implicações ambientais. Tese Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de educação, Universidade Federal da Bahia, 2007.
- (7) CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- (8) ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. Tradução de Eria Barbosa. Original disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br#t-56038> Acesso em: 15 de Fev. de 2019.
- (9) LOURO, Guacira Lopes. A história (oral) da educação: algumas reflexões. Em Aberto, v. 9, n. 47, 2008.
- (10) MATTOS, Zaine Simas. Narrativas de mulheres das classes populares: modos de subjetivação e educação escolar. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora/ Juiz de Fora, 2014.
- (11) ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza, 2012.
- (12) OLIVEIRA, Jose Luiz. As origens do MOBRAL. Tese de Doutorado. Fundação Getúlio Vargas/Rio de Janeiro, 1989.

- (13) HERMANN, Jacqueline. Canudos: a terra dos homens de Deus. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 9, 1997.
- (14) PASTORAL DA CRIANÇA. Disponível em: <<https://www.pastoraldacrianca.org.br/quemsomos>> Acesso em: 12 de Jan. 2019.
- (15) ASSOCIAÇÃO REGIONAL DOS GRUPOS SOLIDÁRIOS DE GERAÇÃO DE RENDA. Disponível em: <<http://aresol.org/historico/>>. Acesso em: 16 de Ago. de 2018.
- (16) DA SILVA, Márcio Luis Bastos; OTRANTO, Célia Regina. Os desafios do Instituto Federal Baiano com a Reforma da Educação Profissional e tecnológica em 2008. EDUCTE: Revista Científica do Instituto Federal de Alagoas, v. 2, n. 1, 2011.
- (17) INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/educacao_pronera>. Acesso em 17 de Jul. de 2018.
- (18) CAROSIO, Alba et al. Feminismo y cambio social en América Latina y el Caribe. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2012.
- (19) LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos feministas, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.
- (20) ROSADO-NUNES, Maria José. Direitos, cidadania das mulheres e religião. Tempo social, v. 20, n. 2, p. 67-81, 2008.
- (21) SILIPRANDI, Emma. A alimentação como um tema político das mulheres. Rocha C, Burlandy L, Magalhães R. Segurança Alimentar e Nutricional: perspectivas, aprendizados e desafios para as políticas públicas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.
- (22) LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- (23) TARDIN, José Maria. Cultura Camponesa. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- (24) ALVES, Karina Mirian da Cruz Valença. A subjetivação da mãe naturalista como modelo: a maternidade como efeito das pedagogias culturais. Revista Periódicus, v. 1, n. 2, p. 97-110, 2014.
- (25) AMORIM, Marina Alves (Org.). Mulheres do campo de Minas Gerais : trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2017.



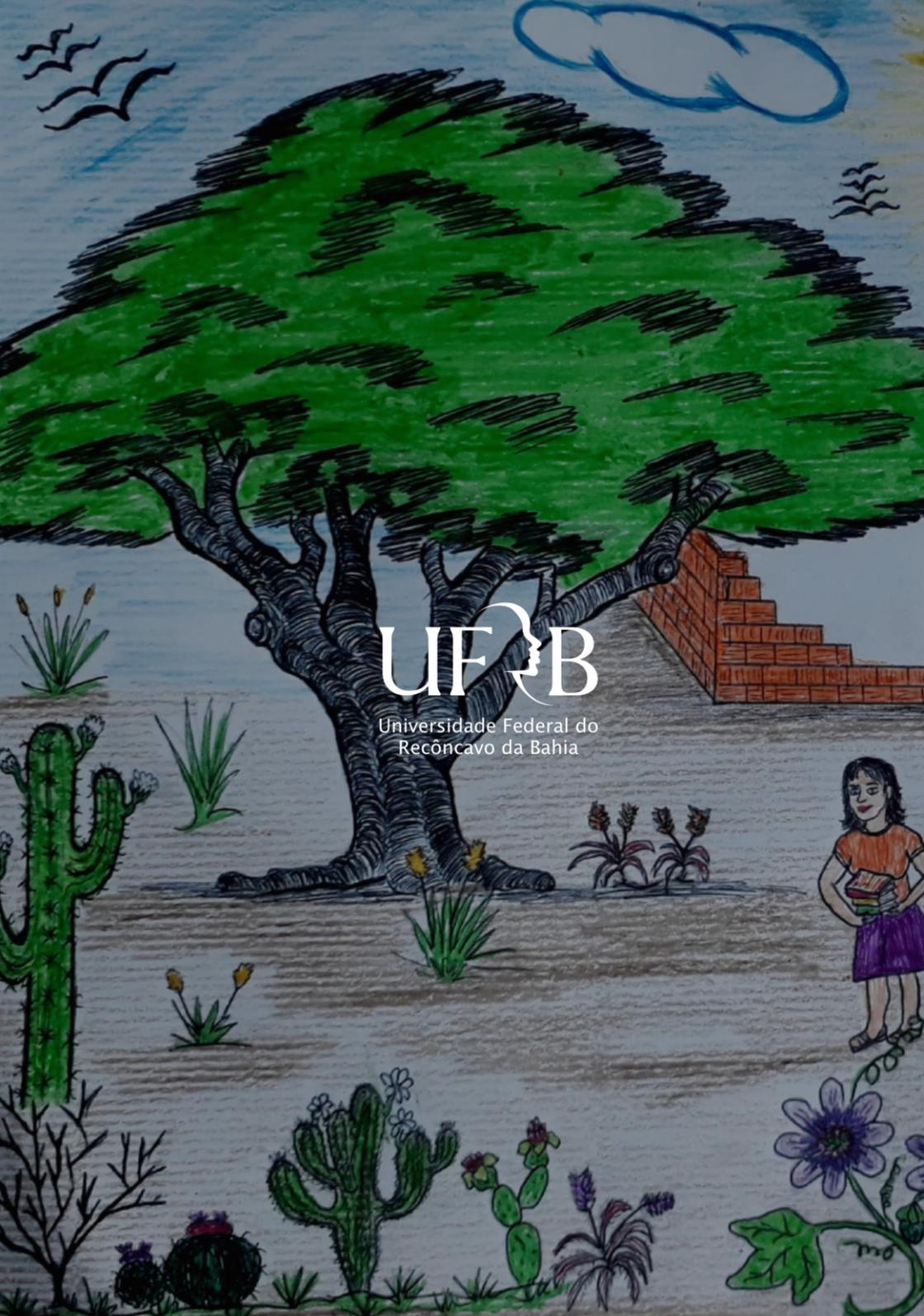
Foto: Fabiane Reis

Karolina Batista de Souza é mineira, natural de Caeté, Agroecóloga, viajante apaixonada e minha irmã de alma. Com sede de conhecimento e fome de somar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, escolheu o Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), como mais um caminho dessa luta de esperança.

O livro, fruto da pesquisa orientada de forma tão cuidadosa pela Prof (a). Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi, traz as narrativas de mulheres guerreiras, nordestinas, de luta, de fé, de resistência, que também protagonizaram a construção da Escola Família Agrícola de Monte Santo (BA) e transformaram a vida de centenas de jovens e suas comunidades. Feminismo, gênero, política e educação, são brilhantemente enredados a partir dessas histórias reais.

A todas as mulheres envolvidas nesta obra, e que diariamente constroem nossa história - muitas vezes invisibilizadas - meu mais sincero e profundo agradecimento e admiração. Obrigada por existirem e resistirem.

THAÍS FRANCA DA SILVEIRA



UFBA

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia